



O VILAVERDENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA - PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da G. e Silva

Redacção e Administração Residência Paroquial de Prado - Tel. 92123 - BRAGA | VISADO PELA CENSURA | Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» - BRAGA

Mais um aniversário

QUANDO em 19 de Março de 1956 circulou o primeiro número deste Jornal, por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora do Alívio, este acontecimento deu lugar a que uns o recebessem com optimismo e a que outros, pelo contrário, se manifestassem pessimistas, sobretudo porque, quanto a estes, entendiam que seria difícil se não impossível manter a sua publicação, embora quinzenal. Hoje decorridos quatro anos, está verificado que triunfou a expectativa dos optimistas e que, portanto o «Vilaverdense» ao entrar no quinto ano da sua publicação, o fará com aquela satisfação que é própria de quem tem o direito de se sentir orgulhoso de cumprir o que promete. De facto, a sua acção em prol da defesa dos interesses do Concelho e de outros factores ligados às responsabilidades da boa Imprensa, tem sido cumprida com escrupulosa reflexão, símbolo da inplexível dignidade de quem se tornou responsável pela sua Direcção, embora, por vezes, os espinhos encontrados no caminho já percorrido tenham sido em maior número do que o das rosas desejadas. Porém, como a luta contra os espinhos valoriza mais a personalidade humana do que o próprio perfume das rosas, porque enquanto aquela exige tenacidade, sacrifício e firmeza na vontade de

Mário Meneses

Considerações oportunas

PRADO, A VILA ETERNAMENTE ESQUECIDA DOS VILAVERDENSES

Aqueles que como nós são movidos por um indomável espírito bairrista e por um arreigado amor à terra onde nascemos, não deixam que lhes passem despercebidos os problemas ligados à sua terra Natal nos seus vários pormenores e aspectos, interessando-se por eles e sempre que nos é possível, pugnando por que sejam resolvidos. Muito nos tem surpreendido porém, que através de notícias divulgadas nos jornais e muito especialmente no Vilaverdense, não encontremos verdadeiros Pradenses, reclamando e exigindo aquilo que uma terra como a nossa tem direito. Mais nos surpreendeu ainda o conhecimento que tivemos de que a Vila de Prado não tenha um representante no elenco camarário como vereador, para ali poder defender os nossos legítimos interesses e direitos. Estamos certos de que se até aqui fomos lançados ao ostracismo, muito mais agora o iremos continuar a ser.

Tudo isto vem a propósito de ouvirmos falar em melhoramentos previstos para ali, para acolá e sei lá para onde, isto nas notícias insertas neste jornal pela ilustre pena do seu correspondente em Vila Verde.

Em Prado não se fala. E dirão, nem é preciso. Não deve porém esquecer-se que embora queiram ou não, que a Vila de Prado é, pela sua situação geográfica, pelo seu agregado populacional, pela sua área, pelo seu comércio e pela sua indústria, a maior e a mais importante Vila do Concelho e aquela que mais paga em contribuições à sua sede. Não deve por isso surpreender ninguém que dentro do possível reclame aquilo a que tem direito por mérito próprio. Que a sede do concelho, por ser sede, tenha os seus direitos adquiridos, concordamos. Mas depois atendamos Prado, para que os seus naturais possam ser compreensivos e atenciosos porque se lhes fez justiça que é, estamos certos, somente o que eles pedem.

(Continua na 2.ª página)

«O VILAVERDENSE»

PARA NÃO DIFICULTARMOS OS TRABALHOS DA TIPOGRAFIA, VOLTAMOS A SEMANA DA PUBLICAÇÃO DESTA PERIÓDICO, SAINDO O PRÓXIMO NÚMERO NO DIA 10 DE ABRIL.

«Os Josés de Portugal»

Prosseguindo os trabalhos encetados em anos anteriores, continua este Grupo Onomástico agindo para que o dia 19 de Março, DIA DE S. JOSÉ seja feriado e considerado como o DIA DO PAI.

O programa estabelecido para comemorar a data do seu Patrono e bem assim as diligências feitas para se obter a realização dos seus propósitos, continuam a merecer toda a sua boa atenção.

Com destino a muitas localidades, o maior número que possa ser, serão distribuídos enxovais a crianças pobres, que nasçam naquela data e que recebam o nome de José. Também este ano se procurará a forma de se distribuírem óbulos, especialmente a velhinhos Josés, que deles necessitem.

Para cumprimento do programa estabelecido o qual além da missa habitual sufragando a alma dos Josés falecidos, constará de visita a doentes hospitalizados e aos encarcerados e dum acto de bondade a realizar a favores de Josés pobres. Espera o Grupo que por caridade, sejam organizadas comissões de Josés que se deverão pôr em contacto com a Sede, para aquele efeito.



Festa de S. José

Ocorre em 19 do corrente a festa do glorioso Patriarca S. José.

Nesta hora conturbada do mundo invoquemo-IO com especial devoção, para que o glorioso Patriarca guarde e defenda a Santa Igreja.

Ainda as obras de transformação do campo da feira ou nas águas turvas a verdade

O excelentíssimo sr. Mário Bacelar Alves, vereador da Câmara Municipal de Vila Verde, comentando, ou fingindo sentir-se ferido pela correspondência que publicámos no jornal «O Vilaverdense», Número 100, de 14 de Fevereiro de 1960, vem no mesmo jornal, número 101, de 28 do mesmo mês, fazer uma exposição, a que deu o pomposo e altissonante título: «Nas águas turvas... a Verdade».

Previne Sua Excelência os incautos: «Previnem-se, pois os incautos...», chama «...espantosa local do correspondente nesta vila do jornal «Vilaverdense».

Excelência, dizem aqueles a que V. Excelência chama incautos: «Olha por quem Deus nos manda avisar!...»

É espantosa a local, mas só para V. Excelência. Não se espante, porque têm pouco valor os que se espantam.

Afirma que lhe deturpámos as suas propostas camarárias, quando escrevemos que se propalava a mudança do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, o levantamento da calçada entre a Câmara e o Cruzeiro e outras obras mirabolantes de transformação do Campo da Feira de Vila Verde.

Excelência, diz o palitométrico: «legere et non intelligere est burrigere...» ler e não entender é...

Ora, Excelência, onde é que lhe trilhou a referida correspondência, atribuindo a si ou à sua proposta camarária as tais mirabolâncias de obras de transformação do Campo de Feira? Diz o povo que «quem se doi é porque tem mataduras». Vossa Excelência lá sabe!...

(Continua na 2.ª página)

D. Francisco Maria da Silva!

Celebrou, em 15 do corrente, mais um aniversário natalício Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Francisco Maria da Silva, venerando Bispo Auxiliar, desta Arquidiocese.

É nosso dever de fiéis súbditos render-lhe as justas homenagens a que tem direito.

Quem não reconhece em Sua Ex.cia Rev.ma excepcionais



qualidades de Mestre experimentado, de Guia seguro e de Pastor, cheio de ternura e carinho para com o Rebanho que lhe foi confiado? É vê-Ló a percorrer a Arquidiocese, de lés a lés, ora levando a palavra de alento e conforto, ora corrigindo defeitos e aplicando princípios imprescindíveis na época actual, por vezes tão vacilante. Quanto se não tem feito so-

bretudo nos ramos da A. C. e no apostolado da Catequese, estando a operar-se por toda a parte, uma autêntica revolução em prol da verdade e do bem, sob o impulso de tão hábil Timoneiro!...

É com imenso júbilo que lembramos mais esta data saudando, em nome deste extenso concelho de Vila Verde, Sua Ex.cia Rev.ma e já que Deus permitiu que o nosso jornal comemorasse também o seu aniversário, com tão pequeno intervalo, que nunca se afaste de tão bom Pastor, seguindo sempre o recto caminho da justiça, da verdade e do amor.

Cón. António Luís Vaz

Foi com grande regozijo que tivemos conhecimento da notícia da elevação ao canonicato do muito digno Director do «Diário do Minho», Rev.do António Luís Vaz.

Não vamos tecer-lhe elogios porque mais que as palavras, falam as obras. Como prova atenda-se à lista interminável dos cumprimentos, que a toda a hora e de toda a parte, se apresentam, mostrando a grande satisfação por mais esta honra, concedida a quem tanto se dedica ao difícil mas indispensável apostolado dos tempos modernos.

Embora pobre, eis aqui o nosso testemunho de amizade e dedicação.

No aniversário do «Vilaverdense»

Um ano mais de vida e de canseiras
Completa este jornal «Vilaverdense»:
Assim todos poderemos com prazer
O adágio confirmar: «Quem teima, vence!»

Desabrochou há pouco para a vida,
Pois quatro anos só estão volvidos:
Mas não têm conta já os benefícios
Por intermédio seu distribuídos.

Sua visita é sempre desejada,
Cada assinante é um seu admirador,
Cada propagandista um bom amigo,
E, sendo assim, fará «mais e melhor!»

Os que moirejam nesta lida insana
De enriquecer o seu noticiário,
Não deixam de sentir prazer imenso
Neste dia do seu aniversário.

Bem hajam todos quantos se não votado
A trabalhar por este bom jornal
Que os direitos defende e a sã doutrina
Deste lindo rincão de Portugal!

«Vilaverdense» seguirás avante
Fazendo esforços quase sobre-humanos!...
Mas sempre a mão de Deus te há-de guiar,
Por mui felizes e ditosos anos!

Travassós, Março 1960.

Casimiro Martins de Oliveira

Os sem vida

O caso de Caryl Chessmann, aquele americano condenado à morte e que aguarda, há cerca de doze anos, a execução da sentença, na já famosa cela 2455, da prisão de S. Quintino, Califórnia, execução essa que as habilidosa rabulices do condenado têm conseguido procrastinar de cada vez que está prestes a entrar na câmara de gaz, destacou-se, nos últimos dias, d'entre os sensacionais acontecimentos mundiais, pelo facto de mais uma vez, e contra toda a expectativa, ter aquele criminoso obtido adiamento da dita execução, quase na hora H, em que ia ser justificado.

É realmente, impressionante a luta travada pelo homem para escapar às emanações de cianeto que os juizes escolheram para a sua punição. Apenas possuidor de instrução primária, mas dotado de excepcional inteligência e de férrea vontade, tornou-se, no cárcere auto-didacts e cercado-se de livros de Direito e de dos seus propósitos, escrevendo, mesmo, livros que

(Continua na 2.ª página)

ÁGUAS TURVAS A VERDADE

(Continuação da 1.ª página)

As referidas obras eram architectadas pelos illustres architectos ambulantes, que existem por essa Vila, se Vossa Excelência é ou não o chefe deles... isso é consigo... docu-lhe?... o que doi cura.

Só atingimos a sua proposta na parte em que V. Excelência apresentava à Câmara uma série de obras a realizar no Campo da Feira, para «convívios diurnos e nocturnos», deixando as obras urgentíssimas para segundo lugar, ou melhor para todos os séculos sem fim.

Achávamos que, enquanto andamos atolados em lama nas ruas da Sede do Concelho, as obras de decoração e de convívios, deveriam esperar.

Parece que não, vai ser assim. Sua Excelência, com toda a autoridade, diz que as obras que propôs vão ser executadas, ficando as outras à espera do celeberrimo plano de urbanização — e depois por todos os séculos sem fim.

As mirabolâncias já começaram. Deitaram abaixo as lindas árvores do Largo Conde de Ferreira, para fazer jardins e lagos... etc., para que toda a obra fosse nova sem resquícios de velharias.

Foram bárbara e sacrilegamente destruídas as lindas árvores que o zelo artístico do sr. major Henrique Alves, o maior amigo de Vila Verde, fez plantar, com todo o seu carinho.

Não sabem que essas árvores obedeceram, na sua colocação, a um imperativo estético, para encobrir os velhos e desalinhados pardieiros, que são as casas desse largo — exceptuando os Pagões do Concelho.

Mas toca a deitar abaixo... meteram-lhe a corda do sino na mão!...

Façam alguma coisa, mas respeitem o que temos de bom em Vila Verde, ou isto já é uma aldeia de Paio Pires?... ao sabor dos caprichos de qualquer menino bonito?

Teremos uns mictórios no Campo da Feira, que já não vão ser subterrâneos, porém a sua construção já tinha sido deliberada pela Vereação anterior e entregue a empreitada, só não sendo feitos por opposição do sr. Urbanista e Companhia.

O restante do arranjo de calçadas para convívios é por uma Vila de casaca e de calças de cotim andrajosas.

Jardins, lagos, repuxos, hortos, bancos; lama a fartar, charcos de água, entulheiras, escurros de esgotos, serão o lindo panorama da janota Vila Verde.

Dizem as profecias que são os sinais fatídicos dos fins dos mundos.

Diz ainda Vossa Excelência: «Quanto aos caminhos da sede, poderá também o sr. correspondente sossegar o seu espirito pois que o assunto já estava em vias de solução, antes da sua local...»

Excelência, não se preocupe... não quisemos a subida honra de levarmos a nossa Câmara a fazer obras, tirando-lhe a oportunidade de apresentação de propostas.

Não há oportunidade para interferência intempestiva de estranhos, onde está um espirito intelectual e empreendedor de tão elevado quilate.

Desculpe-me. V. Excelência veio trazer a «verdade às águas turvas...» Mas V. Excelência está a tapear — como dizem os colegas brasileiros.

Onde está a verdade? Não me consta que a nossa Câmara tome qualquer deliberação que não seja consignada nas suas actas.

Os caminhos que citei estarem em miserável abandono, para que não se gastasse o dinheiro camarário em obras de adornos, sem execução das mais urgentes, eram os da Carvalhosa, Reguengo, Oliveira para as Veigas, Quintas, Outeirinho, Pedome etc..

Quanto ao de Reguengo, sabemos que, há vários anos foi feito um projecto e pedida a comparticipação — mas dorme o sono dos justos, em Lisboa — quanto aos da Carvalhosa e Cajida, a Junta da Freguesia fez o pedido, por intermédio do sr. Governador Civil, ao sr. Ministro do Interior, de 5.000\$00 para cada um — o que é insuficiente.

Deu a Câmara 5.000\$00 para o caminho da Carvalhosa ao Reguengo ou da Boca. Quanto aos outros caminhos, nada de nuevo no Alcazar! E quanto aos citados em que há já qualquer diligência é da forma de requiescent in pace amen — descansem em paz por todos os séculos.

Veio a público, à imprensa, vender gato por lebre. Descueu às águas turvas, pregar a verdade como um messias salvador. Porém a nossa correspondência era tão clara, que o turvelinho só podia existir na preclaríssima cabeça de Vossa Excelência.

Diz que nos vem trazer a verdade!... Vossa Excelência está a mangar!... ninguém, nem mesmo Vossa Excelência acredita que o faça.

Nós não interferimos na sua altíssima missão vereadorial, está em mãos salvadoras. Cesse tudo quanto a musa antiga canta, porque outro valor mais alto se levanta.

Chegou quem nos val fazer esquecer o desvelo do Major Henrique Alves por Vila Verde. Não sendo mais, desfazendo alguma coisa do que ainda resta da sua obra.

Excelência, muito mais queria dizer... mas não julga que é perder cera?!...

Vossa Excelência veio ao jornal só com a preocupação de fazer publicidade, de graça e a seco, do seu nome e pessoa, e das suas extraordinárias e salvadoras propostas camarárias.

Estará a nossa Câmara apocalipticamente atrasada à espera do messias e das suas propostas. Quería V. Excelência publicá-las e pô-las à luz da imprensa, então veio ao mundo turvo trazer e pregar a verdade.

Ora o nosso jornal tem muito que deva publicar de útil, e, por isso, nada de reclames. Mesmo porque o povo diz «que só procuram publicidade às mercadorias avariadas». Ponto final. Quando quiser vir para o jornal, primeiro leia e mastigue.

Só depois escrevinhe, se para tanto lhe chegar o engenho e a arte.

Acabou a polémica, não estou para esgrimir com moinhos de vento.

Correspondente de Vila Verde

P. S. — Chamamos a atenção dos Vila verdenses para a proposta que o sr. Dr. António dos Santos Ferreira, illustre presidente da nossa Câmara, fez na sessão do dia 3 de Março, para que se dê immediato início às obras de abertura e conclusão da estrada de ligação de Vila Verde à nova ponte sobre o Rio Homem, mesmo antes de vir a comparticipação do Estado, o que foi aprovado por toda a Câmara. Isto é que é ver os maiores interesses de Vila Verde, o resto são pirilampas.

O Correspondente de Vila Verde

Os sem vida

(Continuação da 1.ª página)

se tornaram «best sellers» e nos quais colimr uma justificação dos seus actos, apresenta-se-nos, qual o novo David a enfrentar o formidável Golias da Lei e o certo e que logrou, até agora, ganhar todos os «rounds» do ingente prélio.

Para que se verifiquem porém estes factos há, evidentemente, algo que está errado. Ou o condenado não merece a pena que lhe foi imposta e d'isso resultam a vaeilações dos executadores d'aquela ou a merece e, em tal caso, a Lei já não é a «Dura lex sed lex» dos antigos mas sim a leviano e voluvel «prostituta que canta apuela esquina» como escreveu Junqueiro.

Não estudamos Direito (a nossa instrução terminou infelizmente, aos dez anos de idade com o exame do 2.º grau) mas julgamo-nos competentes para emitir a nossa opinião pois «preto também ser gente». Lemos o livro de Caryl Chessmann: Cela da morte 455 em que o autor nada mais faz senão mostrar fria e cinicamente a sua mocidade criminosa, a sua vida de verdadeiro «gourmet» do delicto, incapaz de qualquer arrendimento, a sua inclinação satânica para o mal e tudo isto, depois de alguma reclusões em reformatórios e sem ter a desculpa de um ambiente familiar propicio à sua queda n'uma existência desregada. Dir-se-ia que, ao escrever tal livro, Chessmann não procurou defender-se mas, antes, aparecer aos olhos de certo mundo, d'esse mundo sobretudo construído pela mocidade transviada do após-guerra, mocidade que da guarida a todas as aberrações, como um supremo herói iconoclasta, d'esses para quem nada contam as normas basilares da Sociedade. É nossa opinião que à luz dos códigos, a pena de morte foi bem aplicada. Se a sociedade, pela elite dos seus sábios, porfia no combate agentes patogenicos com o fim de preservar a saúde e a vida porque não há-de a sociedade defender-se d'aquelles dos seus elementos que, de livre arbitrio, se empenham na destruição da ordem social? Deus que é a suprema sabedoria e a suprema justiça não permitiu que o anjo prevaricador fosse despechado no inferno? É certo que não se podem exterminar homens como se liquidam micróbios, mas a Charly Chessmann foram dadas oportunidades de recuperação.

Não quis, porém, aceder nem às recomendações dos moralistas nem às advertências da religião, tanto mais que se orgulha de ser livre-pensador e assim, criminoso relapsos, que poderia esperar senão a reacção da sociedade, cujas leis tão monstruosamente transgrediu? Muita gente, ao que se diz,

se comoveu com a perspectiva do fim do delinquente e foi, talvez, sob a pressão dessa gente, que o governador da Califórnia resolveu suspender a execução da sentença, marcada para o dia dezanove de Fevereiro.

Ainda há pouco, na África do Sul, cerca de quinhentos homens, verdadeiros mártires do trabalho, ficaram soterrados, a cerca de duzentos metros de profundidade, em virtude do desabamento da mina em que trabalhavam. Aposto que essa gente ultra-sensível, adversária da execução de Caryl Chessmann, olhou dislcientemente, para as notícias que os jornais davam da grande tragédia dos mineiros sul africanos. Dos lhes importava o destino desses párias e tanto mais que eram, ao que parece, na quase totalidade de raça negra? Aquilo até era uma limpeza, pois ficaram nas profundezas da terra e esses, ao menos, não criavam já problemas raciais. Mas o Caryl, esse Rodolfo Valentino do crime, ah! não, esse é sagrado. O máximo que aquela gente pode conceber é que, como castigo, o tenham na prisão cercado dos modernos confortos que consta haver nas prisões americanas: ar condicionado, aparelhos receptores, boapitança, e a liberdade de receber até com carácter privado, os apaixonadas «fans» que estes «heróis» sempre arregimentam. Porém se se pudesse mesmo ir ao encontro dos intimos desejos de tal gente, Caryl Chessmann deveria ser libertado e não lhe faltaria logo um apelo de Hollywood para ser o galã de uma fita intitulada, por exemplo, «A Glória do Rei dos Gangsters ou Grandezas e Misérias da livre América!»

Dissemos, acima, que, à face do Código penal, achamos justa a pena aplicada no caso em apreço, mas protestamos uma religião que tem por base a caridade e o perdão e o Decálogo ordena: Não matarás! Assim, entendemos que deve ser comutada a pena de Caryl Chessmann mas, poupando-lhe a vida, a sociedade que tem o direito e o dever de punir, poderia dar-lhe um castigo inteiramente justo no nosso entender e que seria o de levarem o condenado para aquele hospital de loucos onde se encontra aquela rapariga que perdeu a razão em virtude do estupro e outras violências que, nela, o condenado praticou. Ali, separado da sua vítima por uma simples grade de ferro, seria obrigado a assistir, enquanto elle durasse, ao atrozes sofrimento da demente e de tal modo, Caryl Chessmann encontraria o castigo à altura dos seus crimes e quem sabe, talvez fosse essa a maneira de salvar aquela vida e sobretudo aquela alma, que, até agora, tão afastadas tem estado de Deus.

A. (S. S.)

Senhores lavradores

No vosso próprio interesse, tratai as vinhas, tomates, batatas etc. com caldas onde tenha sido aplicado FIKOMOL «ETERES», de grande molhante e aderente. Dá às videiras um aspecto vigoroso e de frescura.

EVITA O DESAVINHO.

Usar PRODUTOS ETERES, é a melhor garantia de: MAIOR PRODUÇÃO MELHOR QUALIDADE

Aceitam-se Distribuidores

Pedidos à

Casa Eteres ou Malvar

Campo Mousinho

Telef. 149

V. N. DE FAMALICÃO

Exame de adolescentes

Período da Páscoa de 1960

Os exames de adolescentes e adultos (3.ª e 4.ª classes) relativos ao período da Páscoa de 1960 realizar-se-ão de 4 a 9 de Abril p. f..

A respectiva documentação deverá ser entregue nas delegações escolares até 19 do corrente.

Mais uma vez se esclarece que é indispensável a apresentação do bilhete de identidade, devidamente actualizado, sem o que qualquer candidato não poderá ser admitido às provas.

Considerações

(Continuação da 1.ª página)

Há muitos anos já que vivemos num verdadeiro e incompreensível esquecimento como que não fizessemos parte integrante do Concelho a que pertencemos e estamos convencidos e disso não nos restam dúvidas de qualquer espécie de que se em anos que já passaram, não tem sido possível fazerem-se os melhoramentos que se fizeram e que os Pradenses não podem deixar de agradecer ao então presidente da Câmara e illustre Pradense, Dr. Francisco António Gonçalves, Prado seria hoje uma abandonada terreola, condenada aos caprichos da sua infeliz sorte, na senda do progresso. Desde essa data, que a saudade não deixa passar esquecida, tudo paralizou, tudo estagnou, a não serem as obras de iniciativa pessoal de muitos dos nossos conterrâneos com que muito a tem valorizado.

Há muitos anos já que se vem pedindo o abastecimento de água e um tótenário público para a nossa Vila, obra de primeira necessidade para a nossa terra e de que tanto viria a lucrar a nossa população, ansiosa deste melhoramento público. Ao mesmo tempo, não se compreende que existam nesta Vila jardins públicos e estes não tenham água. Deve ser mesmo um caso inédito no nosso país uma tal anomalia.

E das duas, uma: Ou a Câmara Municipal admite a possibilidade da existência dos referidos jardins e os conserva, dotando-os de água, fonte vital da sua existência ou acabar com eles, pondo-se termo a um ponto de discórdia que os Pradenses, todavia, jamais esquecerão.

Ainda o ano que passou tivemos ocasião de verificar, que devido a solenidades públicas levadas a efeito no nosso Concelho, por diversas vezes se escolheu Prado, por ser limite do Concelho, para aqui se esperarem as autoridades principais do Distrito, para aqui lhes serem apresentadas as Boas-Vindas e os cumprimentos do protocolo. A espera foi feita junto à ponte, nos nossos jardins. Não sei se as entidades responsáveis por estas recepções repararam que era confrangedor e desolador o aspecto destes jardins que serviram de sala de visitas para os seus convidados.

Não há em Prado, também, um serviço de saneamento eficiente. Cada um infringe as regras da boa higiene e faz perigar a saúde pública, desviando para os aqvedutos por onde se vazam as águas pluviais as suas nitreiras, havendo dias que não se pode respirar, tal é o cheiro pestilento que se evolva desses aqvedutos que se torna irrespirável, sufocante e asfíxiador.

Precisava Prado, desde que aqui foi criado um posto da Guarda Nacional Republicana que fosse criada pelo seu Município uma Postura Camarária que há tanto tempo se espera, para que com mais autoridade se podesse agir sem benevolência contra certos prevericadores, obrigando-os a cumprir e a respeitar as determinações que lhes são impostas.

Muito poderíamos apontar ainda do que é deficiente e do que seria necessário dentro dum mínimo de obras urgentes que se impõe em realizações públicas para a nossa Vila — Caminhos em verdadeiro estado de abandono e intransitáveis, Ruas principais cheias de buracos por onde os automóveis mal podem passar, tendo de fazer manobras difíceis para deles se desviarem e onde os habitantes, ainda por cima, colocam os seus arrumos às portas, como se vissemem em alguma aldeia sertaneja por onde a civilização ainda não passou. A avenida incompleta que parte junto da ponte até ao Faial, que desde há cerca de vinte e cinco anos ficou calcetada e meia por calçar e que nunca mais ninguém pensou em acabar. Mas isto são coisas que já vamos esquecendo por mal dos nossos pecados.

Seria engraçado e do maior anance para as populações das diferentes terras do Concelho que pessoas responsáveis, fizessem pelo menos uma vez no ano, uma visita a estas terras, verificando «In loco» das suas necessidades mais urgentes e dando-lhes sempre que possível a solução mais adequada, tendo sempre em atenção o grau de desenvolvimento das freguesias visitadas e as suas possibilidades futuras no âmbito do Turismo Nacional.

Compreendemos que num Município de fracos recursos financeiros como se afirma e crémos, que nem tudo se pode fazer ao mesmo tempo. Nada, porém, nos inibe de afirmarmos que se deve pensar nestes problemas mais a sério, dando-lhes prioridade e pondo o supérfluo e o secundário num segundo plano.

A Vila de Prado precisa de ser olhada com mais carinho e com um maior sentido das realidades das coisas e nenhuma voz pode ser mais fluente ao encarar estes problemas, do que a voz unânime dos filhos desta linda terra, que são todos os Pradenses, cujos queixumes julgamos poder interpretar, através das palavras que deixamos ditas. A Vila de Prado não pode continuar a ser a Vila eternamente esquecida. Precisa que se lembrem dela, para que assim todos os Pradenses possam sentir-se orgulhosos de se considerarem verdadeiros Vila verdenses.

GIL

PORTELA DO VADE

SUA ANTIGUIDADE HISTÓRICA E HOMENAGEM AO SEU PRIMEIRO PÁROCO

Os portelvadenses ao comemorar, jubilosa e merecidamente, em 19 e 20 de Março, um quarto de século do seu primeiro pároco, vão marcar na sua história um dos mais faustos acontecimentos dos seus dias grandes.

A Portela do Vade, lugar antiquíssimo, foi habitada por gentes que deixaram os seus vestígios marcados com restos de casas construídas com teijolos que ainda se encontravam, há sessenta e setenta anos, no lugar de Cisão, sopé do monte dos Pornos, no sítio da Queimada, hoje quase só conhecido por Poças do Faval, teijolos que foram inconscientemente e barbaramente destruídos pelos lavradores quando cavavam aqueles terrenos inculcos a fim de lhes dar pão e erva tenra para os seus gados.

É natural que o topónimo **Queimada** tenha tomado esse nome pelo facto de ser destruída e queimada alguma aldeia.

Pela Portela passava, também, a via romana que o povo denomina «**Estrada Velha**», conservando-se, ainda, algumas pedras que os lavradores por ora não arrancaram para murar os seus campos e soalcar os valados das suas herdades, ... pedras que mostram o declive progressivamente acentuado da subida e da descida da íngreme estrada.

O topónimo **Vade** toma este nome por se abaixarem as linhas dos cumes da serra do Oural e do monte dos Fornos, sendo, porém, mais difícil a explicação da antiga forma toponímica **Vade** que pelo ano mil se escrevia **Vanade** e no século XIII e XIV **Vaade**, podendo ter a sua origem no nome pessoal **Vanatus** cuja explicação não é fácil relacionar com o genitivo **Vanatu** (?), significando tal genitivo toponímico uma propriedade rústica, pré-nacional, ou uma **vanatti**, que quer dizer uma vila, de um indivíduo do mesmo nome e que depois de sofrer as alterações fonéticas do abrandamento do T em **D**, da síncope da consoante **N** e da contracção **AA**, deu, precisamente, **Vanade**—**Vaade** e **Vade** como hoje se escreve.

Eu creio que a forma toponímica **Vade** (que à primeira vista parece lembrar formas visigodas como: **Gontade** e **Guilhade**) deve ter, antes, a sua origem numa antiga vila, acima referenciada, situada perto do monte do Carvalho **Vade**, correndo-lhe pelo sopé o rio do mesmo nome, da qual se encontravam, ainda, há poucos anos, restos de «casas fornos» subterreanas, como me assegurou quem vive, viu e até destruiu.

Quem sabe se aquele local seria uma vila destruída pelos romanos, ficando ali uma atalaia a vigiar aquela passagem alta e estreita, impedindo ou franqueando, a passagem aos transeuntes, uma vez que o lugar dos **Gaios** que lhe está muito próximo lembra um nome romano **Caio** e na serra do **Oural** (que quer dizer: há ouro) existem umas minas que foram exploradas pelos romanos?

Faz agora, precisamente, mil anos que morreu o conde, **D. Ramiro Mendes**, diácono, filho do conde **D. Hermenegildo** e da célebre condessa **Mumadona** que dizem ser a fundadora do Castelo de Guimarães, berço da nossa Nacionalidade, bem como do mosteiro vimaranense.

Com a morte do conde **D. Ramiro**, que devia ter falecido pelo ano 960, foram os seus bens repartidos por seus filhos e por sua mulher **D. Adosinda**, testamentando esta nobre senhora a parte dela ao mosteiro de Guimarães, fundado por sua sogra. E é num dos parágrafos do inventário de 1056 (mil e cinquenta e seis) ao cenóbio vimaranense que se fala abertamente na Portela do Vade, depois de nomear **Abaim** de Anóbrega e **Covas**, diz que também lhe pertenciam os bens «**ab integro**» na Portela pelas suas estremas: «**et in Portela Vanade villa vocitata Portela ab integro per suos terminos**».

Ficamos a saber, pois, que a Portela era pertença do conde **D. Ramiro**, diácono, cabendo, depois, em repartição a sua mulher **D. Adosinda** que os legou ao Mosteiro de Guimarães e que a Portela era «**villa vocitata**».


Falam os documentos novamente na Portela do Vade nos fins do século XI, porque um dos seus casais pagava foro ao rei: «pela fossadeira de meio casal na Portela, dois còvados».

e pagava meia porque a outra meia era pertença da Ordem do Hospital (de **Abaim** de Anóbrega).

Um livro de linhagens do século XIV, cita, também a Portela do Vade, como sendo aqui que um cavaleiro natural de Negrelas, **Soeiro da Velha**, assassinou o conde **Echiga Visoiz** ou (**Achega** **Guicoiz**), por mandato de **D. Pedro Pais** (de **Beunte**), um dos sete condes que o conde **Echiga** havia fofo cegar à traição, no paço de **Novelas** (**Penafiel**), não se sabendo porque razão estava na Portela do Vade aquele nobre antepassado da grande linhagem dos **Sousas**, sendo muito provável possuir por ali propriedades ou de sua mulher **D. Aragonta** **Soares**.

Actualmente, este alto do Vade, formoso e pitoresco — donde o espectador pode contemplar e recrear-se com o tom bronzado dos pinheirais, com as casitas brancas que, aqui e ali, semeam e salpicam de neve os verdejantes vales e as escarpadas encostas, com o cantar despreocupado das águas nos açudes e o doce ramalhar das árvores frondosas e alegres num continuo abraço com as videiras, com os fios de ouro e prata das águas que, debaixo de um sol claro, maream os socacos, tapetados de verdura, parecendo escadas a convidar a gente para subir mais alto, sempre mais alto até tocar no céu — é formado por 170 fogos e uns 800 habitantes repartidos pelos lugares da **Ponte do Boco**, **Cisão**, **Picoto**, **Portela de Cima**, **Barroco**, **Chã** e **Terreiro**, o lugar comercialmente desenvolvido e rico, onde se encontram instalados os **CTT**, as agências bancárias e de seguros.

A emigração, nestes últimos anos, têm sido numerosa, para os grandes centros urbanos e principalmente para o **Brasil**

<p>CASA CLARO —DE— Paulo de Sousa Claro</p> <p>fábrica e depósito de velas de cera e artigos de apicultura.</p> <p>SEDE—Rua D. Diogo de Sousa, 100 FILIAL—Rua Francisco Sanches</p> <p>Telefone 22305 BRAGA</p>	 <p>DE Mário Joaquim de Queirós & C.a TELEPHONE, 22011 BRAGA</p>
<p>DOÇARIA LUZITANA</p> <p>Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 3300 e Jardim de Santa Bárbara</p> <p>BRAGA</p>	<p>Sala de Chá</p> <p>Todas as qualidades de doce</p> <p>—Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies</p>

A Vila, Paço e Couto de Freiriz

Já aqui se afirmou que o elemento essencial da proto-história desta freguesia consistiu precisamente na existência dum antiga «**villa**». Por outras palavras: foi do aglomerado populacional afecto ao «**dominus**» do «**parlatium**» que historicamente surgiu esta freguesia (1).

Nada faltava para que esta dita «**villa**» ou enorme quinta fosse completa no seu género.

Ilustres foram os seus senhores ou administradores (2) pois que foram das famílias mais fidalgas do Reino. Os seus feitos importantes mereceram dos monarcas o privilégio desta terra ser um «**couto**» tendo assim uma certa autonomia administrativa e judicial e sendo isenta de certos direitos fiscais e militares.

Enormíssimos eram os seus bens que se estendiam pelos concelhos de Prado, Vila-Chã, Albergaria, Larim, Ponte do Lima, Portela, Penela (3), Couto de Cervães de São Gens, etc., etc. Isto sem enumerar os terrenos sítos na própria freguesia muitos dos quais entregues a caseiros assalariados que viviam nos «casais» ou sejam as casas juntas ao Paço. Fora estes bens, todos os outros tinham a natureza de «**prazos fatensins**» ou sejam onerados com um foro anual. Somado todo o rendimento, dava mais ou menos a conta de 7.000 medidas, fora as matas, etc. (4).

Havia também o direito de asilo que consistia no seguinte: existia na entrada do Paço uma argola a que os criminosos perseguidos pela justiça se agarravam ficando assim livres de serem castigados. Por isso **Freiriz** começou a ganhar péssima fama pois tornou-se com isso um autêntico velhacouto de temíveis e perigosos celerados. Tudo isto é confirmado por uma vigorosa tradição local.

Claro que não podia faltar uma capela onde os senhores «padroeiros» da igreja comum podiam ouvir, missa e receber os sacramentos. Havia até duas: a da Senhora da Piedade e a de São Jerónimo. A primeira (em que esteve erecta uma antiga confraria e foi fundado um legado pelo ilustre Abade **João Nunes de Barreto**) existiu mesmo junto à casa do Paço e a segunda na alto

do monte sobranceiro à mesma casa e a quem deu o nome: o alto de São Jerónimo. (5)

Estas duas eram pelo menos em 1756 oratórios ou Ermidas públicas cuja conservação dependia dos senhores da quinta. (6)

Infelizmente que ambas desapareceram estando porém os seus vestígios bem à vista. As respectivas imagens foram contudo para a igreja paroquial onde se conservam.

Existiu também uma Ermida dedicada ao Divino Espírito Santo e de que não há tradição oral alguma. No entanto existe na Biblioteca Pública de Braga um documento de 1577 em que **Gaspar Nunes de Barreto** atesta que essa Ermida (bem como a de **S. Jerónimo**) está bem feita e conservada e requere ao Ordinário licença para aí celebrar missa. O requerimento foi deferido exigindo-se que se estabelecesse um dote de 600 réis de renda.

Onde existiu essa Ermida? Seria a mesma que a da Piedade?

E' coisa que está por saber.

E para ser tudo completo tinha que existir uma casa forte, um castelo ou torre.

A tradição daqui aliás apoiada em costumes do tempo afirma que essa torre existiu e que deu o nome ao pequeno local assim denominado.

Não se sabe porém se essa dita torre foi edificada como tantas mais em defesa contra os mouros, se muito posteriormente a isso. O que se sabe ao certo é que **D. Diniz** para obstar a graves abusos a que a nobreza era muito atrainda, deu ordens rigorosas para serem destruídas todas essas fortalezas erigidas no solar dos fidalgos. Só se podiam futuramente construir com licença expressa do monarca. (7)

Deve ser dessa data (princípio do século XIV) o desaparecimento da torre. A toponímia no entanto lá ficou a atestar pelos séculos fora a existência dessa obra que atesta a grandeza finda dos senhores do Paço.

Referindo e recordando novamente o privilégio que esses senhores tinham de opresentarem ao Bispo o abade da freguesia cuidando depois a expensas suas da conservação da residência paroquial e da igreja, de serem enterrados na capela mór, de poderem ostentar as suas armas de nobreza na mesma igreja (8), de serem os pro-

onde se encontram várias famílias diminuindo, por consequente, os lares da Portela do Vade.

Desconheço a data em que esta freguesia velhinha da Portela do Vade, vila vocitata (chamada) Portela Vanade, perdeu a sua categoria de vila para se transformar num lugar da freguesia de Atães, de origem mais recente, mas que, devido à fertilidade das suas hortas e à amenidade do seu clima, mais abrigado e mais soalheiro, atraiu ali a fixação das gentes, desenvolvendo-se populacionalmente muito mais que a Portela. Todavia os portelvadenses conservaram sempre no seu espírito, tanto das gerações que passaram, como, ainda, se nota abertamente no espírito da geração presente, um desejo de independência total como a tiveram durante séculos, sendo esta a única e principal causa da inadaptação dos habitantes da Portela à freguesia de Atães.

O primeiro pároco da Portela do Vade a quem os portelvadenses, por iniciativa de uma comissão, colaborando todos, vão entusiasticamente, com intenso júbilo e respeitosa consideração homenagear é o **Rev. Sr. P. Abel dos Santos Morais**.

O homenageado, dotado de boas qualidades sacerdotais, é o **Padre zeloso**, exemplar, exigente e duro para consigo e para com os seus filhos espirituais; é o sacerdote activo e inteligente, que, encontrando uma freguesia sáfara e moralmente decaída, depois de reconstruir os templos espirituais dos seus paroquianos, reconstrói, agora, o lar comum da freguesia, uma igreja nova, onde todos rezam e se sentem mais irmãos.

Querem os portelvadenses que fique uma lápide atestar aos vindouros e agradecer a Sua Reverência um quarto de século de uma vida laboriosa e cheia de benemerências como é a do seu primeiro pároco que tem trabalhado sacrificadamente pela causa de Deus e bem do próximo, os dois grandes ideais da vida do sacerdote, muito bem.

As preces sentidas e fervorosas que os seus paroquianos elevam ao céu são para que Deus lhe conserve a vida e lhe dê forças para continuar, ainda, por muitos anos, a fazer frutificar o seu benemérito apostolado.

Portela do Vade, Março de 1960.

António J. Oliveira de Sousa

**

Março, 13

Três indivíduos de maus instintos entregues ao poder Judicial por terem apedrejado um automóvel e ferido os seus ocupantes — Foram entregues ao Tribunal desta comarca três indivíduos da vizinha freguesia de **S. Miguel de Prado**, deste concelho de **Vila Verde**, por terem apedrejado um automóvel conduzido pelo seu proprietário **Sr. dr. Carlos Araújo**, da **Ponte da Barca**, levando em sua companhia o seu vizinho **s. dr. Eduardo Cruz**. Com destino a **Braga** e ao passarem no sítio denominado «**Alminhas da Oliveira**», a **2 Km.** do **Pico de Regalados**, foram atingidos por uma série de pedras arremessadas por três malfeitores de nome **Armando da Costa Velloso**, «**O pai da Broa**», **Avelino da Mota Azevedo** e **Manuel da Costa Velloso** mais conhecido na freguesia por «**Chinez**», respectivamente de **17**, **18** e **24** anos de idade.

Depois de estilhaçarem os pára-brisas, as pedras feriram o **Sr. Dr. Carlos Araújo** na cabeça e numa mão. O **Sr. dr. Eduardo Cruz** também ficou ferido num braço, originando-lhe um golpe profundo. Além disso o relógio do pulso que também foi atingido ficou parcialmente destruído, tal foi a força com que as pedras foram arremessadas. O caso foi entregue à **G. N. R.** de **Vila Verde** e dali transitou para o **Tribunal**. O **Sr. comandante** do posto efectuou logo as necessárias diligências, no sentido de serem descobertos os autores deste malvado acto.

(Continua na página 6)

factores natos e desvelados da população que à sua sombra se desenvolvia, etc., deve ficar provada a asserção de há bocado: nada faltava à «**villa**» do Paço de Freiriz para que fosse completa no seu género.

N. M.

(1) Vide no «**Vilaverdense**» de 19-7-959 «**A Vila, Paço e Couto de Freiriz**». **Alberto Sampaio**: «**As vilas do norte de Portugal**».

(2) Chamavam-se administradores porque os bens transmitiam-se por herança inalienáveis e indivisíveis de modo que os senhores só tinham a faculdade de os usufruírem. Era a lei dos vínculos ou morgadio que foi abolida em 19 de Maio de 1863.

(3) Não confundir Portela das Cabras com Portela de Penela. Em 1818 por exemplo, o primeiro concelho tinha duas freguesias: **Arcozelo** e **Vilar das Almas** e o segundo: as duas **Escarizes**, **Marrancos**, **Portela**, **Rio Mau**, etc.

(4) Vários foram os administradores que mandaram cuidadosamente «**tombar**» todas as terras como por exemplo **D. Fradique António de Magalhães** e **Meneses** em 1689, **D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá** e **Resende** em 1813, etc.

(5) Vide no «**Vilaverdense**» de 10-5-959 o artigo: «**Um ilustre Abade de Freiriz**». Ainda está na memória do povo a grande festa que anualmente se fazia em honra da **Senhora da Piedade** constante de procissão da igreja para o Paço com paragens no caminho a fim de os do andar limparem o suor enquanto que a música da **Lage** e as cantoras executavam seus números musicais. A imagem esteve muitos anos na casa do Paço até que o **Barão de Magalhães** a cedeu para a igreja (informações dadas por **João Gonçalves Soutinho**).

(6) Vide no «**Livro dos capitulos**» as visitas de 18-10-1748, de 12-5-1756 e 5-7-1759. Nesta última visitaçao o visitante increpa duramente o **Abade Pinto** de **Carvalho** e o administrador **D. João de Meneses** pela sua incuria e desleixo.

(7) Assim por exemplo o castelo de **Penegate** em **Carreiras** erigido por **Mem Rodrigues de Vasconcelos**.

(8) O tombo de 1690 fala dumas armas dos **Barretos** existentes no cabido e por cima da porta principal da igreja. A inconsciência e crassa ignorância do valor das coisas causaram o desaparecimento dessas armas. Foi pena!

A freguesia de S. José da Portela do Vade

(Continuação da 8.ª página)

que ano foi criada esta freguesia?

— De boa vontade e gostosamente respondo a esta pergunta e aqui tem a provisão assinada pelo grande Arcebispo que foi D. Manuel Vieira de Matos em 20 de Outubro de 1926.

— Poderá V. Rev.ª dizer-me quem foi o pároco desde a criação da freguesia até 1934, e, se realizou algum trabalho digno de menção durante os oito anos?

— O pároco durante os primeiros oito anos foi o saudoso P.º João Marcelino Fernandes que faleceu em Maio de 1934. Este grande pastor, que trabalhou admiravelmente pelo bem das almas, antes de ser freguesia e quando fazia parte da de Atães, depois da criação da mesma sacrificou-se, tanto no aspecto religioso como no social, calcurreando os pedregosos e difíceis caminhos de Atães até à Portela, para dirigir os trabalhos do edifício escolar cuja necessidade se impunha. A morte porém não lhe permitiu acompanhar a obra até ao fim. Já durante a minha parquialidade é que terminou a obra e só foi inaugurada em 31-3-1940, tomando parte nas grandiosas festas várias pessoas de alta posição social, inclusivé o então Presidente da Câmara de Vila Verde, Dr. Bernardo de Brito Ferreira, pessoa que eu sempre estimei porque sei que merecia a minha consideração.

— Poderá V. Rev.ª dizer-me alguma coisa a respeito do estado espiritual das almas que lhe foram confiadas?

— Apesar dos grandes esforços do pároco anterior o estado religioso deste povo deixava um pouco a desejar porque esta localidade era um ponto de concentração de pessoas das freguesias vizinhas por causa da feira quinzenal que se realizava aos domingos. Os que vinham doutras freguesias faltavam à missa e os habitantes da Portela pensavam mais nos negócios temporais do que na santificação da sua alma. A feira era uma das causas do resfriamento espiritual deste povo.

— Pode V. Rev.ª dizer alguma coisa a respeito das dificuldades que teve para transferir a feira para um dia de semana?

— Como sabe quando se ferem os interesses pessoais há sempre dificuldades, mas com a graça de Deus tudo se resolveu. O Senhor Arcebispo impôs-me a obrigação de empregar todos os esforços para que a feira não se realizasse ao domingo e portanto eu sentia o imperativo da minha consciência a segredar-me que cumprisse a vontade do Meu Superior. O povo, que tem sentimentos cristãos, convenceu-se de que tinha de ser assim e começou a concordar comigo. Tive ainda um grande auxiliar na pessoa do Dr. Francisco António Gonçalves, então Presidente da Câmara de Vila Verde. Como consequência do desaparecimento da feira, verifiquei logo o aumento da assistência aos actos religiosos da tarde que até essa data não eram frequentados.

— Como V. Rev.ª foi o primeiro pároco próprio desta freguesia, pode dizer alguma coisa a respeito do modo como os paroquianos procederam na data da tomada de posse e nos tempos seguintes?

— Com toda a franqueza lhe digo que me começaram a respeitar e empregaram todos os esforços para garantir a cóngrua sustentação do seu pároco, aumentando espontaneamente os direitos paroquiais e arrendando um campo para que pudesse viver sem dificuldades de ordem económica. Quando a freguesia foi criada tinha apenas 130 fogos, mas com o sacrificio de todos resolveram-se as dificuldades. A população tem aumentado, pois actualmente tem 170 fogos. Tendo passado algum tempo, apareceu à venda um campo em boas condições e os paroquianos resolveram adquiri-lo para passar. Eu tenho empregado os melhores esforços para valorizar o referido passal construindo muros, ramadas, explorando água, construindo tanques para reter as mesmas, plantando oliveiras, videiras e outras árvores de fruto, sendo tudo isto à minha custa, bem como a aquisição doutros campos que comprei para juntar ao primitivo passal que actualmente foi largamente aumentado. Quando tomei posse da freguesia não havia residência paroquial, mas alugaram uma boa casa para eu residir enquanto ela se construiu. Como foi à pressa, não ficou com as dependências necessárias, sendo preciso posteriormente aumentá-la, mas tudo se resolveu o melhor possível. Melhorou-se ainda o cemitério paroquial que fica perto da igreja.

— Queira ter a bondade de me dizer o que pensa da obra da igreja?

— A igreja era uma antiga capela dedicada à Senhora da Purificação e propriedade da Confraria das Almas que o Senhor D. Manuel Vieira de Matos determinou e destinou que fosse cedida para igreja paroquial. Mas não havia paramentos nem vasos sagrados, sendo necessário comprar tudo. A capela era pequena e não tinha as condições prescritas pela sagrada liturgia para ser igreja paroquial por isso já em 1945 se fez um acréscimo apreciável, mas não era o suficiente. Nessa altura aumentou-se o torreão e comprou-se um sino novo. Depois da solução de várias dificuldades resolveu-se o aumento que transformou a capela numa verdadeira igreja, sendo a capela-mor toda construída de novo, bem como as duas sacristias.

— Pode V. Rev.ª dizer-me quanto gastou nesta obra e onde conseguiu o dinheiro?

— Nesta obra já se gastaram 130 contos, tendo eu junto das sobras de diversas festas e várias receitas que guardei cuidadosamente a quantia de 30 e o resto juntou-se na subscrição entre os paroquianos, sendo preciosa a ajuda dos ausentes do Brasil, América do Norte e Lisboa que não esquecem a sua terra.

— Poderá V. Rev.ª mencionar algumas pessoas mais generosas?

— Todos concorreram de boa vontade porque viam a necessidade da realização da obra, no entanto quero distinguir algumas pessoas que manifestaram a sua simpatia como a falecida Angelina de Sá Carneiro que deixou uma propriedade para a obra e que seu filho Amaro entregou para esse fim; Ana Maria da Rocha, Joaquim Fernandes, Armando Rodrigues, Peixoto, José Joaquim Cerqueira Dias, Alberto Rodrigues Peixoto etc.. Eu pensei muitas vezes em deixar esta obra para o meu sucessor porque pensava que já não tinha coragem para uma empresa tão grande, mas, animado pela boa vontade dos paroquianos, sempre me resolvi e com a graça de Deus cheguei ao fim que ardentemente desejava.

— Como prova de consideração para comigo os paroquianos resolveram realizar uma grande festa no dia 20 do corrente para comemorar os 25 anos da minha parquialidade e para

Lembra-te que és pó

Lembra-te a Santa Igreja, dum modo especial em quarta-feira de cinzas o que éramos, o que somos e o que seremos... Lembra-te que és pó... Os nossos corpos serão reduzidos ao pó, ao nada. Quem se lembra desta verdade? Estou cheio de vida, de saúde, não morrirei já. Assim pensariam, assim diriam os habitantes de Agadir, cidade martirizada, talvez pelo peso dos seus peccados, horrível e macabro findar duma cidade, potente o poder e a justiça do Senhor.

Para que tantos ódios, ambições e guerras? Porque se guerreiam os povos e as nações?

Num segundo, o Deus da Justiça reduz ao nada tudo o que existe.

Lembra-te que és pó... O pó há-de consumir-te, nem tu sabes quando nem onde.

Hoje? Amanhã? Recolhido no teu lar ou longe da família? Interrogações são estas a que ninguém é capaz de responder com segurança. E perante a incerteza é que se põe o problema da paz da consciência, porque importa estar preparado a toda a hora.

Lembra-te que és pó... Acaso virás a lucrar com o teu igoísmo — para além da ilusão dum momento? Acaso alguma voz íntima, despida de inflexões ditadas pelo convencionalismo, vem a dizer-te que deves trilhar o caminho sinuoso? Acaso é o teu sentir a subserviência que aparentas diante do bezerro de ouro? E porque abres os ouvidos à palavra falsa dos falsos apóstolos? E porque deixas cegar-te os olhos o clarão sinistro das fogueiras satânicas? — Lembra-te que és pó... Mas há em ti, mais do que o pó que tu és, uma alma.

Há em ti um pedaço da divindade, porque Deus se comunica quando cria o homem à sua imagem e semelhança. Obedece apenas ao apelo íntimo, lembra-te do que é eterno. E então não serás o pó efémero: Serás um homem apto para toda a luta, capaz de enfrentar todo o destino, vencedor de toda a incerteza.

Quem somos, donde viemos, para onde vamos?
Legionário de Maria



PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANALISES
MAQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipemar, L. da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO
Telef. 28093 Teleg. Guipemar

DE GOMIDE

No dia 12 do corrente mês, uniram-se pelos laços do matrimónio, João Baptista Nogueira da Cunha, filho de António da Cunha e de Maria Soares Nogueira e a menina Lucinda Gonçalves Cerqueira, filha de Filipe Cerqueira e Maria Gonçalves. Assistiu ao matrimónio o Rev. do Pároco da freguesia, P.º Manuel Braga Barbosa, que no momento próprio exortou os nubentes a levarem uma vida verdadeiramente Cristã, única que os pode fazer felizes na senda dos seus múltiplos aspectos.

— É digno de louvor notável como a menina Rosa Germana Nogueira da Fonseca se abeirou da Sagrada Mesa com os noivos, recebendo Jesus Hósta por suas intenções que foram as mesmas dos noivos, em nome das raparigas da Terra, da quem ela é responsável Jactista Agrária.

Que o Divino Espírito Santo move as suas almas com abundantes dons e luzes são os nossos votos.

No fim da cerimónia litúrgica, os nubentes, acompanhados dos seus convivas, dirigiram-se à casa de seus bondosos tios, sr.ªs João Baptista Soares Nogueira e D. Rosa Soares Nogueira, onde, numa fidalga sala se deliciaram com um lauto e bem servido banquete oferecido por quem durante uma vida tão cheia de ensinamentos os soube conduzir como pais a seus filhos mais amigos. Seguiram-se os brindes num ambiente verdadeiramente calmo, tendo o Rev. do Pároco agradecido, muito satisfeito, aos tios dos noivos a honra do convite.—C.

inaugurar solenemente as obras que se fizeram. Aceito a festa não por ostentação nem vaidade mas para honra e glória de Deus.

— Pode dizer quem são os que fazem parte da Comissão das festas?

— Domingos José Fernandes, Armando Rodrigues Peixoto, Joaquim Fernandes, Francisco Queirós Esteves, José Joaquim Cerqueira Dias, Francisco Fernandes Dias e Alberto Rodrigues Peixoto.

— Quais os principais actos da projectada festa?

— Missa cantada, sermão, Te Deum, inauguração duma lápide na sacristia e almoço de homenagem oferecido pelos paroquianos.

— Permita V. Rev.ª a última pergunta para terminar esta conversa que já vai longa. Que tem feito para levantar o nível moral deste povo?

— Tenho empregado todos os meios aconselhados pela pastoral, administrando de boa vontade os sacramentos, organizando a catequese de harmonia com os princípios indicados pela autoridade competente, celebrando duas missas ao domingo e nos dias santificados, tendo todo o cuidado em fazer as respectivas homilias, realizando as devoções da tarde para a completa santificação do dia do Senhor, organizando pregações de tríduos, semanas e uma missão, trabalhando nos organismos da Acção Católica e procurando dar bom exemplo a todas as almas que me foram confiadas. Se lançar um olhar retrospectivo para este quarto de século que passei neste meio da Portela do Vade, dou-me por satisfeito, pois posso verificar que o Senhor se serviu deste modesto instrumento para a realização das suas maravilhas.

Muito obrigado, sr. P.º Abel Moraes pela sua amabilidade em atender o meu pedido e agora peço licença para me permitir que mande estas pequenas notas para o nosso «Diário do Minho» para que os seus numerosos leitores saibam que na Portela do Vade também se trabalha para o prestígio da Igreja e para glória de Deus.

Parada de Gatim

NOTAS E APONTAMENTOS — Parada de Gatim é uma das freguesias do concelho, em que mais se emigra.

Temos paradosenses em diversas nações, mas o maior número é nos E. U. do Brasil.

— Mas se não fosse emigrar o que seria do nosso povo? O que seria da nossa terra?

Em primeiro lugar, estávamos isolados, sem meio de comunicação, isto é, sem estrada, sem edifício escolar e sem telefone.

A quem se deve estes benefícios todos? Aos paradosenses que emigraram para as terras de Santa Cruz, o Brasil.

Começando pela estrada: A quem a devemos? Desde Prado ao extremo desta freguesia, o corte deve-se a um Paradosense, de nome Franciscano Gonçalves Borges (conheci-o por Brasileiro Borges) que residiu no lugar de Palmaz em 1901. Depois a continuação da mesma e o empedramento, escola, sexo feminino e masculino, Igreja, cemitério, e 12 moradas de casas para pobres, deve-se, a outro Paradosense que também emigrou para o Brasil, o conselheiro Leonardo Caetano de Araújo, que residiu também no lugar de Palmaz.

O telefone e outros benefícios, devem-se aos sr.ªs. Correias, ilustres filhos desta terra e grandes industriais no Rio de Janeiro.

Por isso pode-se dizer que se não fosse o Brasil, Parada de Gatim, não teria as comodidades que tem hoje e que ainda espera ter muito mais, porque os paradosenses emigrantes nunca se esqueceram da sua terra natal.

A nossa freguesia poucas vezes foi beneficiada, que não fosse com o suor dos seus filhos.

Ao Brasileiro Borges e Leonardo Caetano de Araújo, que já faleceram, pedimos a Deus pelo eterno descanso de suas almas e aos sr.ªs. Correias, muitas prosperidades na vida são os ardentes desejos dos seus conterrâneos e que nunca se esque-

Oleiros, 23

APONTAMENTO — Na última crónica, que por sinal não saiu há 15 dias, não pudemos dar notícia aos nossos amigos da decisão da Câmara, a propósito dum subsídio pedido para reparação de caminhos.

Infelizmente a Ex.ª Câmara na sua reunião resolveu pela não oportunidade de tal.

Estamos convencidos de que só mal informada a Ex.ª Câmara decidiu desta maneira. Temos a certeza de que quem observar a realidade tal qual, não pode deixar de nos dar razão e... dinheiro. Aguardemos pois com confiança.

CASAMENTO — No dia 13 deste mês a menina Maria da Luz Granja Dantas, contrau matrimónio na paróquia do SS.º Sacramento, Porto com Francisco Vieira de Sousa, natural de Prado e residente no Porto. Ao novo lar desejamos muitas felicidades. — C.

Baptizados — No dia 28 de Fevereiro, receberam o santo sacramento do Baptismo João Filipe, filho de Arlindo da Silva Dantas e Maria da Glória Gomes Loureiro; António de Faria Afonso, primeiro filho de José Afonso e Lucinda Ferreira de Faria; e Manuel de Araújo Faria filho de João da Costa Faria e Rosa de Araújo.

Em 6 de Março foi baptizada a menina Maria da Glória filha de José Soares e Rosa Fernandes de Sousa. Foram padrinhos José Maria Fernandes, residente em Prado e Maria da Glória Fernandes de Sousa.

No dia 13 deste mês foi também baptizado com o nome de Manuel o segundo filho de José da Silva e Joaquina Gonçalves de Faria. Foram padrinhos Manuel Faria Tecedeiro e Teresa de Jesus Faria Tecedeiro.

cam da sua terra natal.

PELA ESCOLA — Tanto os pais, como os alunos da 1.ª e 3.ª classe, têm-se queixado, contra a sua professora, que tem a cargo o novo posto escolar que foi criado nesta freguesia, de que esta tem faltado bastantes vezes, causando assim, grandes prejuízos aos alunos.

Pedimos ao Ex.º Senhor Director escolar, para tomar providências sobre o caso.

DESASTRES — No passado dia 1 do corrente mês, vindo pela estrada de Prado a esta freguesia o automóvel M. P. 12-50, conduzido pelo nosso Rev. Pároco, ao chegar ao extremo desta freguesia surgiu-lhe, sem contar, (pois o opa estava um pouco escuro), um arame atravessado na estrada.

O carro, vinha com pouca velocidade e ainda bateu contra o arame.

Não houve ferimentos graves a Deus, só umas pequenas amolgaduras na carroçaria.

Passados nem 15 minutos, no mesmo arame embateu com a sua motorizada o sr. José António Vieira Ferreira, desta freguesia, tendo frido graves ferimentos na cabeça e nos membros superiores.

É preciso ter muito cuidado em pôr obstáculos nas estradas ou caminhos.

PARTIDAS — Com destino ao Brasil embarcaram no Paquete «Vera Cruz» o sr. António Pinto Fernandes, Rosa Nogueira Pinto, Lucila Ferreira da Cunha e seu marido Félix Fernandes do Penedo.

Muitas prosperidades na vida são os ardentes desejos dos seus conterrâneos.

FUTEBOL — Começaram no dia 31 de Janeiro os treinos do S. A. Paradosense, sendo treinador o sr. Aníbal da Silva Fernandes e já marcaram o encontro com o Desportivo F. C. de Oleiros.

ESTRADA DE P. DE GATIM A S. MARTINHO DE ESCARIZ — Lemos nas páginas deste jornal, que já foi entregue ao sr. João Aparício de Oliveira, a construção ou adabamento da Estrada de Parada de Gatim a S. Martinho.

Esta notícia veio encher da maior alegria o povo das três freguesias, que não tinham meio de comunicação.

APELO — Paradosenses, residentes no estrangeiro, espero que colaboreis no apelo que vos vou fazer.

Encontra-se em lamentável estado, a linda igreja da vossa terra natal, aquela igreja, em que pelas águas do baptismo, abristes os olhos à luz da Fé.

Com o auxílio de todos, nada custaria o restauro da vossa igreja. Não deixeis demolir uma obra tão linda, que os vossos antepassados vos deixaram. Espero que nenhum filho desta deixará de contribuir para as obras da sua igreja.

Avante Paradosenses!... pela vossa igreja pelo bom nome da vossa terra.

(Continua na 6.ª pag.)

Pico de Regalados

Vai o «Vilaverdense» celebrar mais uma data festiva pela passagem do seu quarto aniversário. Com a pouca idade de quatro anos já é conhecido, tanto no Continente como nas longínquas províncias portuguesas do Ultramar, bem como no Brasil e outras nações. Com a valiosa protecção da Senhora do Alívio e do glorioso patriarca S. José esperamos que há-de melhorar e continuar a ser o mensageiro da boa doutrina e o porta-voz dos progressos do nosso concelho, transmitindo as notícias do mesmo aos emigrantes que longe da sua terra trabalham honradamente pela aquisição de alguns meios para melhorar as condições económicas das suas famílias e aumentar o pequeno património legado pelos seus antepassados.

Neste dia de festa saudamos todos os emigrantes desta encantadora região de Regalados e fazemos votos pelas suas felicidades e que um dia venham abraçar os entes queridos que deixaram nesta terra mergulhados em lágrimas amargas e que esperam com ansiedade o dia em que de novo se possam reunir para agradecer ao Senhor tantas graças dispensadas para a solução das grandes dificuldades aparecidas no decorrer dos anos.

Apresentamos as nossas felicitações muito especiais aos queridos assinantes desta região de Regalados, não esquecendo os nossos amigos Artur Meireles e Armando Ferreira de Lourenço Marques, bem como o sr. Sargento Júlio Alves Gomes que presta serviço no Comando Militar da nossa província da Guiné. Não podemos esquecer também o ilustre soldado da Polícia de Segurança Pública no Porto, sr. Alvarinho Araújo Abreu que se tem interessado pelo «Vilaverdense» entre os seus numerosos amigos.

Não podemos esquecer nesta data festiva o nosso estimado amigo Álvaro Pereira Reis, desta vila de Regalados, que é prezado assinante e que tem conseguido várias assinaturas entre os seus amigos. Saudamos também o Senhor Dr. António dos Santos Ferreira, estimado Presidente da Câmara e ilustre filho desta vila.

Não tendo espaço para saudar todos os assinantes apresentamos as nossas felicitações a todos aqueles que, por qualquer motivo se interessam pelo engrandecimento desta região de Regalados cujas freguesias formavam o antigo concelho do mesmo nome e que em 1855 foram incorporadas no actual concelho de Vila Verde.

DE SANDE

O Senhor Director Escolar do nosso distrito de Braga, no dia 20 de Janeiro, veio a esta freguesia no desempenho da sua nobre missão e, verificando a pequenez do salão onde estava a funcionar a escola de parte de manhã e o posto escolar da parte de tarde, resolveu oficial às entidades competentes no sentido de autorizarem o funcionamento da referida escola e do mencionado posto no novo edifício escolar que já estava construído, bem como todas as obras complementares, incluindo a canalização da água oferecida pelo proprietário da Quinta da Penha, situada em frente da igreja paroquial.

O resultado das diligências do Senhor Director Escolar verificou-se rapidamente, pois daí a poucos dias uma casa da nobre vila de Arouca vinha instalar a mobília no novo edifício escolar e no dia 15 do corrente mês de Fevereiro as duas encarregadas do ensino primário tiveram a felicidade de conduzir, juntamente com as crianças que lhes estão confiadas, a imagem de Jesus Crucificado, para o novo edifício onde continua a presidir ao ensino das crianças.

Desde há muitos anos funcionava a escola masculina num edifício que mandou construir o Senhor Manuel Pimenta, filho desta freguesia, que exerceu as funções de professor no mesmo durante muito tempo.

Como essa casa não oferecia condições de segurança há anos as autoridades determinaram que fosse declarado próprio para o ensino e mandaram que a escola masculina funcionasse em regime duplo na casa da Confraria do Senhor que há anos tinha sido arrendada à Câmara Municipal do nosso concelho para o funcionamento da escola feminina. Essa casa porém, é necessária para o exercício do apostolado dos tempos modernos, pois não se compreende uma paróquia organizada, sem um salão paroquial para reuniões dos organismos da mesma, especialmente para a solução do importante problema da catequese que tanto preocupa a santa igreja que faz chegar até nós os seus ardentes desejos manifestados pelo Santo Padre e pelos Venerandos Bispos de todo o mundo.

O novo edifício escolar veio concorrer eficazmente para resolver este caso.

A Casa da Confraria do Senhor que se encontra em bom estado de conservação, pois ainda foi construída há poucos anos à custa da saudosa D. Anita Correia Amorim, esposa do também falecido Alberto Peixoto Amorim que, com o seu dinheiro, concorreu para o engrandecimento desta terra de Sande, fica agora exclusivamente para o serviço da Santa Igreja.

Está a funcionar nela a distribuição diária de leite, trigo e queijo, oferecidos pela Cáritas Americana à sua congénere portuguesa e que esta manda até nós todos os meses.

Vai funcionar na mesma a catequese paroquial e presta-se admiravelmente para isso, pois os seus cinco compartimentos permitem-nos dividir as crianças em classes e estas em grupos como exige a pedagogia catequística nos tempos que vamos atravessando.

Vai servir também para as reuniões dos quatro organismos agrários desta terra.

Como acima se disse, estão a funcionar as duas escolas no novo edifício escolar, mas isto não quer dizer que vai ficar assim sem uma inauguração condigna.

O organizador desta breve notícia vai empregar os seus melhores esforços para se realizar a inauguração logo que seja possível.

É que há dívidas de gratidão a saldar para com ilustres pessoas que concorrerão para este melhoramento de Sande e essas dívidas têm de ser pagas.

Essas pessoas credoras da nossa estima e veneração são o Senhor Engenheiro Amaral do Porto, o Senhor Director Escolar e o Senhor Presidente da Câmara, Dr. António dos Santos Ferreira.

Logo que se possam fazer algumas obras para embelezar o local, resolver-se-á o programa da festa e o dia em que se há-de realizar.

Os organizadores do Congresso da Juventude Agrária Católica a realizar no próximo mês de Maio, em Lourdes, pedem as nossas orações pelo bom êxito do mesmo. Não es-

queçamos esta intenção que tanto deve agradar a Nossa Senhora.

No dia 14 do corrente embarcaram, no Vera Cruz, com destino ao Rio de Janeiro os nossos conterrâneos Agostinho Gonçalves e sua mulher Albina de Azevedo que em Agosto de 1958 tinham vindo da mesma cidade e que passaram este curto espaço de tempo na bela casa que construíram junto da estrada. Fazemos votos pelas suas prosperidades junto de seus filhos que estão na mesma terra. Quando vieram para esta freguesia trouxeram a valiosa quantia de 9.000\$00 para ajuda da electrificação. Mais uma vez agradecemos a grande oferta e esperamos vê-los brevemente na sua vinda que nesta data ficou fechada.

Na companhia dos mesmos embarcaram também os nossos amigos António Azevedo Ferraz e Manuel da Silva Ferraz, tendo o primeiro deixado a bela quantia de 500\$00 para a missão que se há-de realizar este ano e tendo o segundo prometido a sua valiosa ajuda para o mesmo fim e tendo-se ainda comprometido a interessar pelo assunto os seus vários amigos do Rio de Janeiro.

A Senhora Albina de Azevedo e seu marido também prometeram promover uma subscrição entre as várias pessoas desta freguesia.

O pároco agradece reconhecidamente todo o auxílio que lhe prestam estes estimados colaboradores e promete não os esquecer nas suas orações, pedindo a Deus que o Vera Cruz vença com facilidade a agitação das águas do Oceano Atlântico e conduza ao seu destino estes estimados filhos de Sande.

Óbito—No cemitério paroquial da vizinha freguesia de Gomie foi sepultado, no dia 26 de Fevereiro, o cadáver da Senhora Carolina da Graça da Silva que contava 84 anos de idade e que era descendente da ilustre Casa de Cabo de Vila desta freguesia de Sande. Era ainda irmã de dois padres descendentes da mesma Casa, sendo o Reverendo Agostinho da Silva, pároco desta freguesia e o Reverendo António da Silva pároco da vizinha freguesia de Vilarinho. Tanto o primeiro como o segundo, apesar de já terem falecido há muito tempo, ainda são recordados com saudade tanto pelos fieis como pelos sacerdotes desta região, pois honraram a Santa Igreja com as sólidas virtudes que embelezavam as suas almas.

Apresentamos os nossos pésames à família, não esquecendo o seu cunhado Manuel de Araújo e seu sobrinho António Abel da Silva Freitas, prezado assinante do «Vilaverdense».

A Comercial de Prado

— DE —

Sequeira e Pedrosa, Lda

TELEFONE, 92115

Azeites, Merceria, Vinhos, Refrigerantes, Ferragens, Adubos, Materiais de Construção, etc.

Notícias do Brasil

Aproxima-se o dia 19 de Março, dia Consagrado a São José, e dia de festa para «O Vilaverdense». Completa o nosso jornal, o quarto aniversário de sua existência. Em nome da Colónia Vilaverdense do Brasil, envio uma saudação especial, para o seu Director, e seus Auxiliares, e do seu ex-Director e fundador Sr. Abade da Laje, os Vilaverdenses do Rio de Janeiro, enviam sinceros abraços de grande reconhecimento.

Os Vilaverdenses do Brasil, devem ajudar o nosso jornal, e devem reconhecer a dedicação do nosso Director pelo seu dinamismo e sua administração.

O nosso jornal, tem uma protecção gloriosa da Sagrada Família.

O seu aniversário é dia de São José, o património pertence a Nossa Senhora do Alívio; praticamente Jesus, também nos protege, em honra de seus Pais.

9-3-1960

José Maria Vilela de Sousa

Travassós

(Atrasado na Redacção)

Efectuou-se no dia 4 do corrente mês o Sagrado Lausperene nesta freguesia com o maior recolhimento e piedade. No sábado houve confissões gerais, que foram muito concorridas. No domingo, às 5h. da tarde, o Rev. do Pároco da freguesia celebrou a missa cantada, que foi acompanhada a órgão. Antes de se realizar a exposição do S. Sacramento, o Rev. do P. Aloísio, ilustre professor do Seminário de Braga, proferiu um eloquente sermão.

Os turnos de adoradores eram substituídos de 2 em 2 horas, e ninguém se furtou ao cumprimento de tão imperioso dever.

Casimiro Martins de Oliveira

Vilaverdense F. Clube

Poderíamos repetir aqui o que, em outras páginas deste jornal, escrevemos a propósito do nosso glorioso Vilaverdense, que tanto tem honrado com galhardia a tradição do nosso futebol.

Poderíamos reafirmar que os actuais orientadores do nosso futebol, são bem os lídimos representantes daquele desporto que tão alto o têm elevado; poderíamos, enfim, mostrar esta grande obra, realizada pelo heroísmo e pela dedicação dos seus Directores, no combate sem tréguas aos males que afligem e flagelam os sempre eternos crónicos da «crítica».

Preferimos, porém, como mais acertado, transcreever o avanço incalculável que o nosso desporto nestes últimos anos tem conseguido.

E se fossem lembrados aqueles que tanto se dedicaram a esta obra, muito teríamos que dizer e louvar.

Tudo isto prova, à sociedade, que todos estes orientadores, que moireram e labutam pelos interesses da Terra, são bem dignos de estímulo e dedicação.

É como é sabido, até há poucos anos, e exceptuando os últimos, a maior parte dos nossos problemas ainda não estavam resolvidos, entre os quais: balnearios e acabamento do nosso campo de jogos com as medidas necessárias.

E atravessamos períodos críticos, devido à deficiência da parte superior deste campo, que durante largos anos não houve alguém que desse solução a esta grande necessidade.

E as medidas tomadas pelos incansáveis e dedicados Directores que actualmente orientam com apuro e boairismo o nosso grupo, deram solução a este caso, e como tal poderemos participar no Campeonato da 2.ª divisão de Braga que presentemente estamos a disputar.

É foi em obediência ao mesmo pensamento e lema: «mais e melhor», que promoveram a ressurreição ou restauração do nosso futebol, em que podemos contar com orgualho as graças e as esperanças e com amargura lamentar as crises.

É, na verdade, criaram um futebol digno da Terra, um futebol que não tinhamos, dando-lhes as normas, as obras e os trabalhos de que carecia, estudando-o e baseando-o no progresso que atravessamos.

O povo é povo e quer novidades: o povo há-de aplaudir, porque entende (é preciso entender para apreciar e gostar) e assim, com entusiasmo e teima faz nascer novos horizontes e novos pensares no lusco fuso do seus dias, não como um raio lançando um clarão que chega e desaparece, mas sim mimoso brilho, plácida luz em que os olhos descançam gostosos.

Por outro lado, convém não olvidar que os empreendimentos destas obras, não poderiam, nem podem ser levadas a cabo, com fruto, sem o amparo dos sócios e sem, em particular, dos seus atletas (o que não tem acontecido), pois sem os meios não podemos conseguir os fins. E revisto e rebuscado este grande passo dado no nosso desporto, poderemos exclaimar, com os mesmos ideais que os Directores do nosso Vilaverdense F. Clube, têm no coração e na cabeça: «um por todos e todos por um».

Um Vilaverdense

Pelo Alívio

Carreiros S. Miguel

Passada a quadra invernal, a Natureza veste-se de gala, preparando recepção à Primavera, mais bela e sugestiva, que é a Primavera.

Ansiosamente todos a esperamos para vermos este Alívio pequeno, im, mas dotado de uma certa beleza que por muitos é admirado. Contribui para tal a sua óptima situação, atravessado por uma estrada que serve diariamente centenas de nacionais e muitos estrangeiros.

É já característico neste largo, um bando de perús que pachorrotamente atravessam a estrada e obrigam por vezes os automobilistas a paragens obrigatórias suavizando com esta paragem a monotonia de uma longa viagem. Velhos e novos riem ao verem essas aves vaidosas na sua armação, enchendo o ar com os seus glu-glus. Para-se a admirar-se este quadro.

Mas... a poucos metros de distância eis que surgem cavalos a pastar as ervas que poderiam servir de tapete a muitos que desejassem delectar-se com a sombra destas árvores, algumas já seculares.

E' neste ponto, que, francamente, não concordamos que o Alívio sirva de monte, sem rei nem roque, para apascentar os cavalos esqueléticos e nojentos que arrastam consigo uma nuvem de moscas. Crianças, velhos e até novos fogem desses animais, pois que alguns podem até ser considerados feras. E' lamentável, mais, é vergonhoso que isto aconteça no Alívio, sempre simpático e hospitaleiro.

Aproxima-se a Primavera e nós formulamos votos para que tal não venha a verifi-

OBRAS DA RESIDENÇA

— Já se encontra junto de nós, o nosso Rev. do Pároco, (depois de quase dois anos de ausência, motivada pela construção da nova residência paroquial.

Que o Senhor o cubra de bênçãos e o ajude a continuar as obras em curso, para o progresso da nossa freguesia.

A residência ainda não está terminada. É necessário que não nos esqueçamos de contribuir com as nossas esmolas, como até agora temos feito, para brio e honra de todos nós.

BAPTISMO— No passado domingo, recebeu as águas lustrais (do baptismo) uma criança obrigatória suaviando com esta paragem a monotonia de uma longa viagem. Velhos e novos riem ao verem essas aves vaidosas na sua armação, enchendo o ar com os seus glu-glus. Para-se a admirar-se este quadro.

Mas... a poucos metros de distância eis que surgem cavalos a pastar as ervas que poderiam servir de tapete a muitos que desejassem delectar-se com a sombra destas árvores, algumas já seculares.

E' neste ponto, que, francamente, não concordamos que o Alívio sirva de monte, sem rei nem roque, para apascentar os cavalos esqueléticos e nojentos que arrastam consigo uma nuvem de moscas.

Artur Barbosa Gomes

Na passada semana, seguiu para Vila Real — Trás-os-Montes, onde foi assumir funções públicas, naquela cidade, o nosso amigo e conterrâneo sr. Artur Barbosa Gomes. Desejamos-lhe muitas felicidades no seu novo im-

car-se. O Alívio merece de todos nós, um certo carinho porque foi a Terra que nos viu nascer. — J. R.

A margem do «Homem»

S. Miguel de Oriz

Março, 13

CASAMENTO — No passado dia 29 de Fevereiro, consorciaram-se na igreja desta freguesia os jovens João Baptista Rodrigues, de S.ta Marinha de Oriz, e Deolinda Regadas Taveira, do lugar de Mazagão, desta freguesia. Ao novo casal, que fixou residência no lugar dos Barraes, S.ta Marinha de Oriz, desejamos felicidades.

VISITA — Vindo da América, em visita a seus pais, no lugar de Portela, encontra-se por alguns dias o Sr. Manuel da Costa, a quem cumprimentamos. — C.

S.ta Marinha de Oriz

Março, 13

BAPTISMOS — Com o nome de Vasco Jorge, foi baptizado a 5 do corrente, na nossa igreja, um menino, filho de Maria Irene da Costa Gomes, tendo como madrinha a avó Adelaide da Costa Lobo, e sendo invocado para padrinho S. José.

— Em 6 do corrente, com o nome de Domingos, foi baptizado outro menino, filho legítimo de Sérgio Fernandes e de Deolinda Fidalgo de Araújo, do lugar dos Barraes. Foram padinhos Domingos Rodrigues Martins, desta freguesia, e Maria Alice da Costa Martins, de S. Miguel de Oriz.

MOVIMENTO DE... E PARA LISBOA — Com ligeira demora, vieram de Lisboa até esta freguesia, em visita a suas famílias, os nossos conterrâneos Malaquias Rodrigues, do lugar dos Barraes, José Soares Amorim, do lugar do Paço e o embarcado Ilídio Flor da Silva, do Barreiro.

...E como a atracção de Lisboa exerce sobre tanta gente desta freguesia uma fascinação irresistível, lá foram também até a capital, a ver como «aquilo» é, as nossas conterrâneas Vera da Silva Cerqueira e Maria Aurora Martins, do lugar de Além. Já também há dias de lá vieram a jovem Maria da C. Peixoto Rodrigues, do mesmo lugar.

EMIGRANTE — Regressou à França, depois de alguns meses de estadia entre nós, o Sr. Alberto Mendes, do lugar do Cabo. — C.

S. Pedro de Valbom

Março, 13

BAPTISMO — Com o nome de Joaquim, foi hoje baptizado na igreja desta freguesia o 1.º filho de Constantino da Silva Rocha e Aurora Fernandes da Silva do lugar da Agrela. Foram padinhos do neófito o tio materno Emílio da Silva e Maria da Conceição da Rocha, tia paterna. — C.

Paço

Março, 13

CASAMENTO — Na igreja desta freguesia, consorciaram-se ontem os jovens Maurício de Araújo e Silva, de S. Pedro de Valbom, filho de Adelino da Silva e Valdemira Angelina de Araújo, e Joaquina Pureza Pereira, desta freguesia, filha de Alberto Pereira e Maria Augusta Dias.

Aos recém-casados, que fixaram a sua residência em Paço, desejamos felicidades. — C.

Banco de Fomento Nacional

Um dos mais importantes acontecimentos da vida portuguesa dos últimos tempos, sob o ponto de vista económico, verificou-se no princípio deste ano, em Lisboa, com a abertura ao público do Banco de Fomento Nacional que começou as suas actividades no dia 4 de Janeiro, precisamente cinco meses após ter sido constituído. Com um capital de um milhão de contos — no qual o Estado participa com 650 mil, sendo 450 mil contos representados pelos capitais próprios do Fundo de Fomento Nacional,

mília chegou há dias, do Rio de Janeiro, o sr. Secundino Martins, do lugar das Quintas. Para a mesma capital, embarcam brevemente os dois irmãos Horácio Rodrigues da Silva e Maria Carmelinda Rodrigues da Silva, filhos dos srs. Augusto da Silva e Clementina de Jesus Rodrigues. Que Deus os acompanhe sempre, são os nossos votos. — C.

S. Martinho Valbom

Março, 13

BAPTISMOS — Em 6-3-60 foi regenerado nas águas baptismaes um filho do sr. Evaristo José Martins e Lucinda da Silva Taveira do lugar de Bouças. A criança chamou-se Manuel Joaquim e teve como padinhos o avó materno Domingos Taveira, de Santa Marinha de Oriz, e a avó paterna Maximina Maria Pereira, desta freguesia de São Martinho.

— No mesmo dia e com o nome de Laurinda, baptizou-se uma filha dos srs. Manuel de Sousa Dias e Glória Araújo Antunes que moram no Paço. Foram padinhos o avó paterno Hilário Dias e a tia materna Laurinda Rosa de Araújo Antunes, residentes nesta freguesia. A ambos os neófitos desejamos longa vida. — C.

160 mil contos subscritos pela Fazenda Pública e 40 mil contos subscritos em partes iguais pelas províncias de Angola e Moçambique — aquele estabelecimento bancário, que está situado na Rua Braamcamp, 5, tem por objectivos fundamentais o financiamento de empreendimentos e a orientação dos investimentos do sector privado, tanto da Metrópole, como do Ultramar.

Destinado a desempenhar importante missão no desenvolvimento económico do País o Banco de Fomento Nacional tem por objectivo as seguintes operações: a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário na Metrópole e no Ultramar; a concessão de crédito predial no Ultramar; a participação no capital de empresas constituídas ou a constituir; a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas; e a prestação de garantias ou cações que assegurem o cumprimento de obrigações assumidas para os fins visados pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas ao Banco. Além disso, realizará outras operações já previstas nos estatutos ou a considerar e propor ao Governo.

Servido por quadros técnicos especializados, o novo estabelecimento bancário estenderá a sua acção a todo o território nacional metropolitano e ultramarino, tendo sido tomadas providências para que as actividades económicas que não possam estabelecer contacto directo com a sede do Banco — e pontos serão — o venham a fazer por intermédio do Banco de Portugal e da Caixa-Geral dos Depósitos, na Metrópole, e pelos Bancos Nacional Ultramarino e de Angola, nas províncias do Ultramar. Embora sejam considerados com prioridade os empreendimentos já designados pelo Conselho Económico e incluídos no II Plano do Fomento, isso não significa que estejam obrigatoriamente assegurados pelo Banco os financiamentos recomendados e, por outro lado, que deixem de merecer estudo atento e possível solução satisfatória os não incluídos nas listas de prioridades do Governo. Assim, é já muito elevado o número de pedidos de financiamento recebidos da Metrópole e do Ultramar naquele estabelecimento bancário, muitos dos quais estão a ser estudados pelos respectivos serviços.

Esses pedidos podem ser dirigidos ao Banco de Fomento por escrito ou apresentados directamente, sendo apreciados pelos respectivos serviços que promoverão, quando necessário, reuniões com os interessados para uma mais larga exposição sobre os assuntos propostos. Quando os pedidos são julgados merecedores de estudo, são então entregues à apreciação dos seus técnicos que sobre eles elaboram parecer a submeter à aprovação da Administração.

Após a preparação do pessoal, o ensinamento colhido junto de instituições estrangeiras congéneres, o esclarecimento legal de vários problemas, o frequente contacto com entidades interessadas na ajuda do Banco, metropolitanas e ultramarinas, a transferência de vultosos valores de duas instituições agora extintas — o Fundo de Fomento Nacional e o Departamento de Fomento de Angola — os úteis contactos com algumas das mais importantes organizações internacionais de crédito, cuja ajuda poderá promover um mais rápido desenvolvimento da nossa economia, o Banco de Fomento

Potela do Vade

(Continuação da página 3)

A pesar de ter sido praticado de noite, depressa se veio a saber quem foram os heróis da façanha.

Festa em honra de S. José — Realiza-se no próximo dia 19, nesta freguesia a tradicional festa em honra de S. José. No dia 18 à noite, será lançada grande quantidade de fogo de artifício. No dia 19 de manhã, será celebrada a missa da festa. Da parte de tarde efectuar-se-á a magestosa procissão, cujo percurso será o seguinte: estrada Portela-Aboim da Nóbrega, daqui seguirá para a estrada nacional Braga-Arcos de Valdevez, Largo do cruzeiro, caminho da Igreja, lugar da escola, Largo da Portela de Cima e finalmente regressará à Igreja. Nela tomarão parte, além de muitas crianças vestidas de anjo, centenas de pessoas ou talvez ultrapassarão mil, desta freguesia e freguesias vizinhas, conforme se tem verificado nos anos anteriores. Será abrilhantada com a banda de música dos Orfãos de S. Caetano.

Homenagem ao Pároco da Portela do Vade — Um grupo de paroquianos desta freguesia promove no próximo dia 20 uma festa de homenagem ao Rev. do pároco daqui, P.e Abel dos Santos Morais, em virtude de o mesmo completar 25 anos que está a curar esta paróquia. Esse grupo de paroquianos quer assim manifestar a sua gratidão, ao seu pároco, pelo muito que ele tem feito em benefício da freguesia, quer no que respeita a assuntos da religião quer no que diz respeito a outros assuntos, nomeadamente na construção da escola mista e na recente ampliação da igreja paroquial, cuja obra custou cerca de 100 contos. Para os melhoramentos futuros contaremos sempre com a colaboração do Rev. do P.e Abel Morais, que está sempre pronto a prestar o seu auxílio para bem do seu povo e para o engrandecimento da Portela do Vade. — C.

A Epidemia nos Galináceos — Devido à epidemia que grassa nesta região, tem morrido diariamente dezenas de aves de capoeira, o que preocupa seriamente as donas de casa. Desconhece-se donde provém esta doença.

Uma benemérita deixou avultada importância para a Igreja desta freguesia — A S.ra Maria Angelina Sá Carneiro, que faleceu nesta freguesia o ano passado, deixou, para ser aplicada nas obras da Igreja, a importância de 8.700\$00, que foi o produto da venda de uma pequena bouça.

Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.da

ADUBOS
SEMENTES
MÁQUINAS
AGRÍCOLAS

Av. Marechal Gomes da Costa

Tele fone 22450 - gr. Nortada - Braga

Insecticidas e Fungicidas
Batata de Semente

Nacional está agora apto a pes, que são, neste momento, já em grande número, e as perspectivas animadoras do recurso ao crédito externo. O novo estabelecimento bancário está instalado num grande imóvel, com oito pisos, onde se encontram os seus serviços financeiros, de fomento e jurídicos e o Gabinete de Estudos e Projectos, além de secções de formação bancária, em contacto directo com o público.

Parada de Gatim

(Continuação da 4.ª página)

Fevereiro, 28.

Oitavário — Como é de costume, de dois em dois anos, realizou-se nesta freguesia um Oitavário, ou seja as «Quarenta Horas» e o Tríduo em honra do S. C. de Jesus.

O programa constou do seguinte: No dia 28, de manhã, missa cantada pelo grupo coral desta freguesia e no fim da missa, foi exposto o SS.mo Sacramento, sendo os adoradores divididos por turnos; às 15,30 h., encerramento da exposição, com sermão, pelo orador sagrado, Rev. do P.e José Augusto Alves, digno pároco em Estorãos — Ponte de Lima. Estas cerimónias foram nos dias 28 e 29 e 1 de Março.

No dia 2 começou o tríduo, pelo mesmo orador, o qual foi bastante concorrido.

No dia 5, Sábado, de manhã, comunhão geral e confesso de desobriga, ao qual parece não ter faltado ninguém. A noite uma imponente procissão de velas, com um luxuoso andor de Nossa Sr.ª de Fátima e uma linda sessão de fogo, do afamado pirotécnico «Robalo» de Roriz — Barcelos.

No dia 6 às 11 h. o Reverendo pároco desta freguesia, celebrou a missa em honra do Sagrado C. de Jesus, a qual foi acolitada pelos Rev. dos párocos de Oleiros e Cervães.

A tarde, sermão e no fim saíu uma magestosa procissão Eucarística. E assim terminaram a festas.

São dignos dos nossos parabéns os rapazes e raparigas desta freguesia, pelo lindo arruado que prepararam, numa extensão de terreno de mais de 700 m.

N. B. — Estas festividades, foram abrilhantadas pelos altifalantes da Casa Peixoto da Portela do Vade.

Baptismo — Com o nome de Maria de Jesus foi baptizada na nossa igreja a primeira filha do sr. José A. Vieira Ferreira, 1.º cabo mecânico no regimento de Infantaria 8 de Braga e da S.ra Júlia Gonçalves da Cunha.

Foram padinhos, Manuel Gonçalves e Luzia Gonçalves, respectivamente, tio e avó do neófito.

Aniversário — No dia 12 do corrente mês de Março, na cidade do Rio de Janeiro, festejou o seu aniversário natalício a S.ra Rosa Fernandes de Sousa.

Longos anos de vida são os nossos votos.

Benfeitor — O Sr. António Correia, ilustre filho desta terra e grande comerciante no Rio de Janeiro, mais uma vez mostrou o carinho e amizade pela sua terra natal, pagando à sua custa a planta da electrificação desta freguesia.

Este grande benfeitor não esqueceu nem já jamais esquecerá no coração dos seus conterrâneos, pois são inúmeros os benefícios que se devem àquele coração bairsta.

Todos os paradenses reconhecidos lhe agradecem. — F. S. D.

Prado (Santa Maria)

Solenidades em honra do SS.mo Sacramento

Noticiámos no último número a tomada de posse da Mesa da Confraria do SS.mo, cheia de dinamismo e animada da melhor vontade a dar um grande impulso ás suas actividades, absolutamente indispensáveis numa freguesia populosa como a nossa. Hoje, temos o prazer de informar os nossos leitores de que também já tomou posse a Comissão, constituída pelos Ex.mos Senhores Francisco Ferraz Machado, Bento Cerqueira da Silva e António José Gomes Soares, que, em colaboração com a respectiva Mesa, se encarregará de promover a Festa do SS.mo Sacramento, que atingirá um esplendor que esteja á altura das gloriosas tradições desta terra.

No seu devido tempo, será publicado o programa com as demais notícias que sejam necessárias para que todos os pradenses estejam ao correr destes importantes acontecimentos para a história da freguesia.

Manifestamos o nosso imenso regozijo e, desde já nos colocamos ao inteiro dispor para tudo o que possa concorrer para a maior honra e glória do Santíssimo Sacramento.

Sermões da Quaresma

Continuam a ser concorridísimos os sermões integrados no programa da procissão dos Passos, que, segundo os moldes do ano transacto, se revestirá de grande brilho, cativando a atenção de milhares de forasteiros.

A Comissão tem sido incansável para que tudo corra na melhor ordem e não afrouxará, enquanto não der conta do seu recado.

São merecedores da nossa compreensão e apoio.

Novos Lares

Realizaram o seu casamento, na nossa igreja parochial, no dia 27 de Fevereiro p. p., os nubentes Francisco Soares de Macedo, f.º de António Lobo de Macedo e de Albertina Soares, com Teresa de Sousa Gouveia, f.a de João da Silva Gouveia e de Catarina de Sousa.

Foram testemunhas Francisco da Silva Gouveia e Bento da Cunha.

—E no dia 28, do mesmo mês, Manuel Ferraz Gomes, f.º de António Augusto Dias Gomes e de Beatriz Gomes Ferraz com Albertina de Sousa Rosas, f.a de Júlio da Silva Rosas e de Ana Dias de Sousa.

Foram testemunhas António Gomes Leitão e Albertina de Sousa Araújo.

Aos novos lares os nossos votos de muitas prosperidades.

Novos Cristãos

Receberam o santo sacramento do Baptismo:

Em 28 de Fevereiro, Aires, f.º de Domingos Alves Martins e de Rosa de Oliveira Rodrigues. Foram padrinhos Aires Gonçalves Ferraz e Maria do Sameiro Correia Vieira;

No mesmo dia, Paulo, f.º de José Correia da Silva e de Lucinda da Silva Correia. Foram padrinhos Paulo da Silva e Joaquina de Sousa Correia.

Em 12 do corrente, Francisco Tomás, f.º de David de Jesus da Silva Bastos e de Maria da Conceição Ribeiro de Castro. Foram padrinhos Francisco de Castro Bastos e Carmen Machado Fernandes.

E em 13, Maria Filomena, f.a de Alfredo da Silva Gomes e de Natália da Purificação Araújo. Foram padrinhos Feliciano José Peixoto de Araújo e Maria Quitéria de Sousa.

ISTO E MAIS AQUILO

(Continuação da 8.ª página)

próprio para o Largo Comendador Sousa Lima».

Evidentemente que isto apesar de muito pouco, já era muito para aquilo a que tão pouco estamos habituados em benesses Camarárias. Contudo, o que é certo é que a parte principal, aquela porque todos ansiávamos — a água para os jardins não foi aprovada pela digníssima Câmara, talvez por a considerarem desnecessária e a despropósito, preferindo que um «desgraçado» jardineiro que ali trabalha, quando trabalha, a transporte ao regador, chegando ao fim do dia exausto e cansado sem nada poder regar nem mais nada poder fazer. Sabemos do desapontamento em que esta resolução deixou o dinâmico Presidente da Junta, que com o seu persistente trabalho muito tem querido fazer em proveito da sua terra Natal, tendo já á sua frente uma obra que muito o dignifica e enobrece que é o arranjo e embelezamento do Cemitério local, onde no Concelho não há igual. Mas estamos certos que ao tornar-se pública esta notícia o desapontamento não envolve somente o senhor Presidente da Junta mas sim vem ferir nos seus mais íntimos sentimentos de amor á terra onde nascemos todos os Pradenses que vêem nestas atitudes e resoluções que não podemos deixar de considerar premeditadas, um motivo de entrave a aspirações a que temos direito e são plenamente justas e que ninguém, seja quem for, poderá logicamente contestar.

Que nos interessam os lampeões pintados? — Em que nos poderão interessar os bancos dos jardins consertados e pintados? — Em que poderá influir o gasto de 200\$00 na adubação da terra, etc., etc.? Para quê? Perguntamos, se a parte básica da questão foi posta de parte? — Se os jardins como teve ocasião de constatar o digno vereador senhor Mário Bacelar Alves e como o sabe toda a gente, tende a desaparecer, para que servem os bancos e tudo a que para o local se faz referência? — Seria o mesmo que mandar fazer um banco, pintá-lo e colocá-lo no deserto. Para quê adubo para a terra se ela não tem flores, pois o calor tórrido do verão tudo queima e estraga?

Estas resoluções, parecem-nos paradoxais e inverossímeis e não estão de acordo com a ponderação com que

OS TEUS OLHOS Pela Administração

Novos Assinantes

Inscreveram-se, como assinantes do nosso jornal, mais os Ex.mos Senhores: Alvarinho Araújo Abreu, P.S.P., ausente no Porto, por intermédio do Rev.do P.e Salvador; José Viana, ausente na América, por intermédio de José Gaspar Queirós, de Prado; Silvestre Pimenta e Luís José da Costa Araújo, ambos do Pico (S. Cristóvão), por intermédio do Rev.do P.e Salvador; António Joaquim da Silva, de Ateães, por intermédio de seu irmão Júlio da Silva, ausente em Lisboa; Hilário Antunes de Sousa, Amadora, por intermédio de José Torres da Cunha, Lisboa; José Dias Fernandes, de S. Miguel de Oriz, por intermédio do Rev.do P.e Lazera; Estes pagaram adiantadamente, como deve fazer todo o bom assinante. Manuel de Macedo Soares Leite, Angola, pelo próprio; Hermínio Martins de Oliveira, Lisboa, pelo próprio; António Pereira Gomes, França e Constantino José Gonçalves e Manuel Arantes Malheiro, ambos de Godinços, por intermédio do Rev.do P.e Valentim; Dr. António Ribeiro Guimarães, Mário Vilaverde, João Narciso Vilas Boas, João Maria da Costa, Caixa de Crédito Agrícola, Arlindo Soares de Sousa e Irmão, Vilaverdense-F. C., Bombeiros Voluntários, Pastelaria Bar Vilaverdense, todos de Vila Verde; Adérito Manuel Martins Barreto, Pico de Regalados; Luís Alfredo Pereira, América do Norte, todos por intermédio do Rev.do P.e Diogo; José António Enes de Araújo; Gómeide, por intermédio do Rev.do P.e Manuel Braga Barbosa; Manuel Azevedo da Silva, Montalegre; António Ferreira Capa e Oscar de Paiva Teles, de Braga, também por intermédio do Rev.do P.e Diogo; Vicente Rodrigues, de Lisboa, pelo próprio; e José de Oliveira, por intermédio de José António de Arantes, ambos de Moure.

Se pudéssemos mencionar, em muitos números, listas como esta, em pouco tempo, pagaríamos as dívidas contraias e teríamos mais facilidades para apresentarmos um jornal, que estivesse á altura deste extenso concelho. E porque é que não nos havemos de interessar, a valer, por este tão poderoso meio de defesa dos interesses de todos e de cada um? Vamos. Um bocadinho de compreensão e teremos os nossos problemas resolvidos.

Assinantes que pagam

De 19-3-62 a 19-3-63: O Sr. António José Gomes Soares, de Prado. Este vai na vanguarda!

De 1-60 a 1-61: os srs. Eduardo Pereira, de S. Miguel de Oriz e Domingos Taveira, de S.ta Marinha de Oriz.

De 2-60 a 2-61: os srs. José Maria Marques, de Lisboa e José Maria da Silva, de S. Miguel de Oriz;

De 19-3-60 a 19-3-61: Os srs. Jerónimo Gomes Quintão, D. Teresa da Cunha Torres Fernandes e Manuel Lopes Xavier, de Prado; D. Laura da Visitação Cunha Ribeiro, S. Miguel de Oriz; Manuel Joaquim da Magalhães, Moçambique; Francisco Gonçalves, da Laje; Luís Duarte, S. Mamede de Escariz;

De 20-10-60 a 20-10-61: O sr. António Soares da Silva, de S. João da Madeira;

De 22-12-60 a 22-12-61: O sr. Francisco Gonçalves Gomes, do Brasil;

De 18-1-59 a 18-1-60: O sr. José António da Silva Malheiro, Lisboa;

De 19-3-59 a 19-3-60: Os srs. Alvaro Pereira Rios, Pico de Regalados; Manuel Augusto Cachetas, Bento Pereira Carneiro, ambos de Oleiros; P.e Manuel António Caridade, Párcoco da Loureira; Martinho Rodrigues, Brasil; Manuel José da Costa, Godinços; P.e João Cirilo da Mota Araújo, Párcoco de Turiz; José Martins Gama, Sabariz; P.e Manuel Agostinho da Silva, João Couto e João Manuel da Silva e Sá, de Rio Mau; D. Rosalina Fernandes Pereira e Alfredo das Doreas Oliveira, ambos de Duas Igrejas; Manuel da Cunha Torres, de Azões; Dr. Mário de Carvalho, de Vila Verde; Manuel Dantas, do Porto; João Evangelista Pereira, de Paçõ; Manuel Torcato da Costa Pinheiro, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Peixoto Machado, Manuel de Oliveira Barros, Manuel do Nascimento Cunha, Manuel António Vilela de Sousa, Dr. Luís da Mota Lopes, D. Lucinda dos Anjos Pimenta, Dr. Lamartino Dias, José Peixoto, José Maria da Silva, José Maria da Costa, José Manuel dos Santos, José Luciano de Sousa, José Maria Bezerra, João Antunes, Francisco Manuel de Faria Lira, Francisco da Costa Matos, Dr. Francisco Barbosa de Brito, Estêvão Soares de Faria, Domingos Alves Santos, David Peixoto, Constantino Rodrigues da Costa Machado Vilela, António Peixoto Ramos, António Oliveira, António Julião da Silva, António Joaquim Fernandes Ribeiro, António Fernandes do Lago, António Fernandes Cerqueira, António Augusto dos Santos, António do Nascimento Pinto, António Abel Martins Cancela, Professor Eliseu Cardoso Pereira; José Faria dos Santos, Augusto Gomes, Grémio da Lavoração, todos de Vila Verde; D. Maria da Cunha Torres Fernandes, Rio Mau; Manuel Esteves de Sousa, de Geme; e José Rodrigues, Brasil;

De 21-4-59 a 21-4-60: O sr. João Martins de Vasconcelos Feio, da Loureira;

De 9-6-59 a 9-6-60: O sr. Joaquim Rodrigues, Portela de Penela;

De 30-9-59 a 30-9-60: O sr. José Joaquim de Faria, de Oleiros;

De 10-59 a 10-60: Os Rev.dos P.e Manuel Gonçalves Lomba, Párcoco de S. Miguel de Carreiras e P.e Domingos Vieira, Párcoco de Geme;

De 23-11-59 a 23-11-60: O sr. António de Oliveira, Brasil;

De 27-4-58 a 27-4-59: O sr. António Moreira, da Venezuela;

De 29-9-58 a 29-9-59: O Sr. Francisco Mendes Correia, de Turiz;

De 11-10-58 a 11-10-59: O Sr. Eurico de Macedo, Vila da Maia;

De 17-2-57 a 17-2-58: O sr. Luís Martins Pereira, de Rio Mau.

A todos o nosso sincero agradecimento.

Continua

Esses teus olhos têm a suave formosura
E a frescura d'uma ridente alvorada;
Têm um encanto que ultrapassa a natureza,
Maior beleza que a dos olhos d'uma fada.
Esses teus olhos são meteoros cintilantes
Que andam, errantes, n'este mundo sub-lunar;
Oh! São duas gemas do ceeste resplendor
Que o Creador, de Suas mãos, deixou tombar.

Vem dos teus olhos toda a luz que me alumia,
Luz de magia, misto d'aurora e luar;
Chama celestes que me inspira e que me aquece,
Qual uma prece balbuciada ante o altar.

Esses teus olhos são o Létes de água calma,
Onde a minh'alma de si própria se esqueceu,
São dois arcanjos de armadura refulgente,
Postos á frente do áureo pórtico do céu.
São dois Vestívios que, jorrando mil carícias,
Dão-me delícias em que há célica euforia.
Oh! Possa eu ter, quando findarem meus martírios,
Esses dois cérios a alumiar-me na agonia.

Vem dos teus olhos toda a luz que me alumia,
Luz de magia, misto d'aurora e luar;
Chama celestes que me inspira e que me aquece,
Qual uma prece balbuciada ante o altar.

Eu era o nauta a quem a fúria da tormenta
Já desalenta de escapar do tredo perigo.
Foram teus olhos dois fanais com que a clemência
Da Providência me fez ver porto de abrigo.
Eu era o mouro caminhando em rumo incerto,
Pelo deserto que o simum já calcinou.
No teu olhar tive o fluido refrescante
Que, n'um instante, o meu suplicio mitigou.

Vem dos teus olhos toda a luz que me alumia,
Luz de magia, misto d'aurora e luar;
Chama celestes que me inspira e que me aquece,
Qual uma prece balbuciada ante o altar.

Pois que, no mundo, tudo é pouco duradouro,
Se esse tesouro dos teus olhos se perder,
Meu Deus, Vos peço, não me deixeis um momento,
Esse tormento, esse infortúnio, padecer.
Quando, na terra, aquela chama se apagar,
Para ir brilhar, lá na mansão do seu Creador,
Deixai, meu Deus, que esta minh'alma siga, então,
N'essa ascensão, d'aqueles olhos o fulgor.

A. S. S.

DE VILA VERDE

(Continuação da 8.ª página)

INCENDIO EM VILA VERDE

No dia 11 de Março, ás 6 horas da manhã, manifestou-se incêndio na casa do proprietário de lavoura, senhor Alvaro Manuel Rodrigues da Cruz. Dado o alarme, em cinco minutos compareceram os Bombeiros Voluntários de Vila Verde com todo o seu material moderno e com o seu novo pronto-socorro.

Montaram duas agulhetas, uma a um poço e outra á distribuição de água á Vila.

O incêndio foi debaixo de um forno de cozer pão. Arderam os madeiramentos contíguos ao forno, conseguindo os bombeiros localizar o incêndio e desmontar o forno com todo o cuidado, fazendo com que os prejuizos fossem insignificantes.

O PROGRESSO DE VILA VERDE

Uma barbearia que se moderniza

Damos aos nossos leitores mais a agradável notícia de um novo estabelecimento de barbearia que se modernizou. E' no Campo da Feira de Vila Verde, e pertence ao nosso assinante senhor Mário Vila Verde.

E' um novo salão, cheio de luz e de higiene, com duas cadeiras modernas, bons espelhos, dotado de tudo quanto há de bom, nesta indústria de barbearia.

Registamos o facto, para demonstrar que há, em Vila Verde, vontade de progresso.

o assunto merecia ser tratado por quem de direito. Mas deixemos ao critério de quem deliberou nestas questões a reconsideração destes factos na certeza de que mais tarde ou mais cedo terão que ser resolvidos, seja por quem for. Que o senhor Presidente da junta, não desanime e seja como tem sido persistente nos seus justissimos pedidos e ter-nos-á incondicionalmente a seu lado na certeza de que os actos de justiça acabarán por triunfar. Esperamos e contamos também com o apoio do senhor Mário Bacelar Alves que continuará em defesa desta causa em prol desta laboriosa e progressiva terra, que não pede participações camarárias, para campos de Futebol, Conferências Vicentinas, Músicas, etc., etc.

Para isto e coisas neste género, consideramo-nos cónscios dos nossos deveres de verdadeiros Pradenses e sabemos estar presentes nos momentos precisos, quando é reclamado o nosso auxilio. Para estas coisas bastamo-nos a nós próprios, como soe dizer-se, e cá vamos vivendo sem grandezas nem opulências, mas modestamente, sem exibicionismos, numa espécie de pão nosso de cada dia, que vai chegando. Os Pradenses não são dominados pelo sentimento da ingratidão e sabem agradecer quando esse dever se torna imperioso e dele são devedores.

Para já continuamos na expectativa e a expectativa é, como disse um dia um grande pensador, que gera a ingratidão e a repulsa, por muito se ter de esperar.—C.

O Regionalismo da Capital e a «Casa do Minho»

Gente de toda a parte do maior prestígio e relevo afluí constantemente a esta numa fase de grande progresso Lisboa. Gente que procura um ideal de vida que talvez nem sempre encontre, mas que pode vir a auferir um nível um pouco superior àquele que possuía. São essas pessoas que fazem progredir e crescer, a olhos vistos, esta já enorme e encantadora cidade.

O Minho não será a região que menos almas para cá envia, pois, segundo as estatísticas, parece existirem na Capital mais de vinte mil minhotos. De facto podemos vê-los por toda a parte, ocupando desde os mais altos postos na hierarquia e na escala social aos mais rudes trabalhos.

Para aqueles, principalmente, que vêm das aldeias rurais ou não estão habituados a contactar com os grandes centros, depara-se-lhes aqui um mundo inteiramente novo. Começam então as saudades do torrão natal, das suas gentes e das suas coisas. A saudade, este estado de alma tão próprio dos portugueses que até o vocábulo que o define parece não ter correspondência nas línguas estrangeiras!

Da diversidade dos costumes nasce naturalmente a necessidade de criar um meio de reunir os naturais de uma região e que faça reviver o ambiente que, regra geral, gera movimentos pró-regionais que tantas vezes trazem grandes benefícios às respectivas localidades.

É assim que, ao longo desta Capital, surgem as Casas Regionais, que agrupam os naturais de uma região, de um distrito ou simplesmente de um concelho.

Para os Minhotos cá temos a «Casa do Minho», prestimosa instituição regionalista fundada em 1923, cuja acção e fins, embora bem conhecidos, não será de mais salientar.

Esta instituição, que já se denominou Casa de Entre-Douro e Minho e viveu um período de grande crise, encontra-se presentemente, mercê de uma dinâmica Direcção, que enquadra nomes

Mário Gonçalves

Dia de S. José, dia do Pai

Prosseguindo os trabalhos encetados, em anos anteriores, o Grupo Onomástico, «Os José de Portugal», com sede em Lisboa, Rua Castilho 17-1.º, vem enviando os seus esforços para que o dia de S. José, 19 de Março, seja oficialmente feriado e considerado o «Dia do Pai». Se já temos um dia consagrado à Mãe, com justa razão, precisamos doutro consagrado ao Pai. O dia mais apropriado, ninguém o pode contestar, é o de S. José.

O referido Grupo, vem distribuindo enxovais para crianças pobres nascidas naquela data e que recebam o nome de José ou Josefa.

Os José de Portugal, também procuram distribuir óbols a José velhinhos que deles necessitem.

A comissão da freguesia de «Os José» de Soutelo está incompleta pela desistência de um membro, no ano findo; apesar disso, serão visitados os José pobres, presos e hospitalizados e na freguesia, os conhecidos e necessitados.

A expensas de um devoto, será cantada uma missa em honra de S. José, na Igreja paroquial, às seis horas e meia. Segundo informação que consideramos fidedigna, vem cantar a missa e fazer o sermão, de S. José, o sr. Dr. P.e Manuel de Faria. Nota-se grande interesse na freguesia em ouvir o sr. Dr. Faria. Ao harmónio, conta-se com a schola cantorum do Seminário da Torre.

Lembramo-nos de apresentar aos leitores a sugestão de em cada freguesia ser organizada uma comissão de José que tenha a caridade de, além de honrar S. José, proceder como acima vem indicado.

Quaisquer esclarecimentos poder ser pedidos à sede do Grupo Os José de Portugal.

José de Barros Dantas

A freguesia de São José da Portela do Vade

JÁ TEM UMA ESPACIOSA E ARTISTICA IGREJA PAROQUIAL SUFICIENTE PARA ABRIGAR TODOS OS PAROQUIANOS DA MESMA

Já há meses ouvimos dizer que a antiga capela das almas da Portela do Vade tinha sido desmoronada para dar lugar à espaçosa igreja paroquial que é uma consoladora realidade, mas procuramos saber como tinha decorrido essa gigantesca obra e nesse sentido ninguém nos poderia informar melhor do que o rev. P.e Abel Morais, pároco da mesma freguesia há vinte e cinco anos e que foi o principal realizador da ideia que preocupava as inteligências dos briosos filhos da terra. Numa tarde chuvosa deste inverno encontramos o sr. P.e



P. Abel dos Santos Morais

Abel Morais na sua residência paroquial e fizemos-lhe algumas perguntas, às quais respondeu amavelmente, manifestando em todas o grande interesse pelo bem espiritual das almas que em boa hora lhe foram confiadas. Eis as perguntas:

- Há quantos anos é V. Rev.cia o pároco desta freguesia?
- Tomei posse no dia 1 de Julho de 1934.
- Eu ainda me lembro desta igreja ser apenas uma capela da freguesia de Atães, por isso poderá V. Rev.cia dizer-me em

(Continua na 4.ª página)

ISTO E MAIS AQUILO, para que todos os pradenses fiquem a saber

Quando há alguns dias, enviei à redacção do jornal «Vilaverdense» uma crónica que intitulei de «Prado, a Vila eternamente esquecida do Vilaverdense» e a qual vem publicada neste número de hoje, desconhecia ainda algumas notícias que à última hora me chegaram às mãos.

Aproveito por isso a oportunidade de lhes fazer algumas referências por julgar que estas vêm cada vez mais dar-me razão acerca daquilo que escrevi.

Tive conhecimento que na última reunião da Ex.ma Câmara Municipal de Vila Verde o vereador senhor Mário Bacelar Alves numa atitude que nós Pradenses não podemos deixar de aplaudir, agradecer e louvar, propôs que fosse aprovado o seguinte e que passamos propositadamente a transcrever textualmente:

«Tendo-me deslocado propositadamente à Vila de Prado a convite do senhor Presidente da Junta de freguesia, convite aliás sugerido pelo Excelentíssimo Presidente do Município, verifiquei que os jardins daquela localidade estão muitíssimo abandonados, correndo até o risco de se perderem totalmente. Por consequência urge tomar imediatas providências (note-se o tom destas palavras) para lhes restituir e aumentar a beleza que já tiveram e que são as seguintes:

- 1—Que seja adquirido um grupo electro-bomba conforme orçamento que junta destinado à sua rega.
- 2—Que sejam concertados os cinco bancos ali existentes e pintados assim como os doze lampeões destinados à iluminação do local.
- 3—Que se autorize o senhor Presidente da Junta a gastar a quantia de 200\$00 na adubação da terra destinada à plantação.
- 4—Que sejam calcetados 30 metros da rua Costa Faria que interceta o jardim e finalmente:
- 5—Que se promovam diligências indispensáveis para a transferência do Pelourinho colocado em lugar im-

(Continua na 7.ª página)

Câmara Municipal Sessão ordinária

Escolas de Couciouro

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias, oficiou a dizer que no dia 25, às 14,30 horas estará no edifício dos Paços do Concelho o Eng.º Amaral Carvalho para a vistoria e levantamento dos terrenos destinados aos novos edifícios escolares. São: núcleo do Monte com uma sala e outro com duas salas.

Caminho da Carvalhosa, em Vila Verde

A Junta da freguesia de Vila Verde pede 10.000\$00 para arranjo do caminho da Carvalhosa, comprometendo-se a que os lavradores fornecerão os transportes. A Câmara concede 5.000\$00, para esse caminho do Boco.

Subsídio aos Bombeiros Voluntários de Vila Verde

O sr. presidente da Direcção dos Bombeiros José Manuel dos Santos pede que seja pago o subsídio de 6.000\$00, concedido no ano findo. A Câmara manda pagar.

Subsídio ao Grupo Folclórico

O sr. Director do Grupo Folclórico de Vila Verde, Mário José de Jesus Mendes Galinha, pede o pagamento do subsídio de 2.000\$00 que foi concedido no ano findo. A Câmara manda pagar.

Subsídio ao Vilaverdense F. C.

O Secretário Geral do Vilaverdense F. C. pede o pagamento do subsídio de 5.000\$00, que lhe foi concedido no ano findo. A Câmara manda que se pague.

Pagamento de terreno para a construção da Estrada de Vila Verde às Neves

Maria Adelaide Cerqueira, da Loureira, pede o pagamento do terreno ocupado pela Estrada de Vila Verde às Neves. A Câmara manda pagar 1.470\$00.

Pedido de venda de terreno na Feira do Pico

José Fernandes, de Mouriz, Pico dos Regalados, pede que lhe sejam vendidos 30 metros de terreno junto da Feira do Pico, para construção de uma casa. Indeferido.

Foram concedidas licenças para obras

A Manuel Lopes, de Duas Igrejas, para construção de um muro; ao sr. Manuel António Caridade, de Vila Verde, para fazer uma vedação junto de caminho público; a António Afonso Pereira, de Cervães, para construção de um muro; a Lourenço Martinho Dias, de Dossãos, para reconstrução de um muro; a Gaspar de Barros, de Barbudo, para reconstrução de um muro; a Francisca Gonçalves Coelho, de Santa Maria de Prado, para reparação de uma casa de habitação e construção de uma vedação; a António de Sousa Barros, de Parada de Gatim, para construção de uma ramada e reconstrução de um muro; a Domingos Cerqueira Barbosa, de Atães, para reconstrução de um prédio; a Manuel Esteves Casal, de Barbudo, para transformação de uma janela em porta.

Foi concedida assistência hospitalar

A Belmira Fernandes de Oliveira, de Cervães; a Maria da Conceição Azevedo Duarte, de Oleiros; a Joaquim de Oliveira, de Esqueiros; a Joaquim Durães Lima, de Arcozelo.

Deliberações

Por proposta do vereador sr. Mário Bacelar Alves, foi resolvido transformar os jardins do Largo Conde de Ferreira; que o sr. eng.º Alvaro Ferreira elabore um projecto para a construção de instalações sanitárias públicas, que não serão subterrâneas, nem serão encimadas por coreto; que sejam concertados os bancos dos jardins de Prado; que se oficie aos Serviços Municipalizados para pintarem os postes de iluminação e que se peça autorização para transferir o pelourinho de Prado para o Largo Sousa Lima.

Foi deliberado, por proposta do sr. presidente, que se faça imediatamente a construção da estrada de ligação de Vila Verde às Neves até à ponte recentemente construída sobre o Rio Homem, mesmo antes de ser concedida a comparticipação do Estado, o que foi superiormente autorizado, sem prejuízo da concessão dessa comparticipação; que seja autorizado o mesmo sr. presidente a deslocar-se à capital, para tratar de assuntos de interesse para o município, especialmente a comparticipação das estradas de Gomide e de Valdeu.

INCÊNDIO NO MONTE DO BORRELHO

No dia 28 do mês de Fevereiro, por imprudência de duas crianças ateou-se forte incêndio no monte do Borrelho, em Gondilães, que consumiu muito mato. Pelas 16 horas, as labaredas viam-se de Vila Verde, e um vento forte propagava-se pelo monte. Compareceram os Bombeiros Voluntários de Vila Verde, comandados pelo senhor Francisco Manuel Faria de Lira.

Tiveram de caminhar a pé os Bombeiros cerca de uma hora para chegar ao local, subindo o monte, visto não haver caminho para o seu pronto-socorro. Organizado o ataque ao incêndio, foi rapidamente dominado. Sendo muita louvada a acção dos bombeiros.

(Continua na 7.ª página)